

WAGNER GIANNELLA FILHO

**A LINGUAGEM ARGUMENTATIVA EM TEMPOS DE
COPA DO MUNDO**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC – SP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Curso de especialização em língua portuguesa

SÃO PAULO
2011

WAGNER GIANNELLA FILHO

A LINGUAGEM ARGUMENTATIVA EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de especialista em língua portuguesa sob a orientação do Prof. Dr. José Everaldo Nogueira Júnior.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC – SP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Curso de especialização em língua portuguesa

SÃO PAULO
2011

DEDICATÓRIA

*À Deus, por me dar saúde para alcançar mais essa meta;
Aos meus pais, Wagner e Fernanda, e a meu irmão Felipe,
por todo o amor e o incentivo, sempre;
À Débora Cristina de Almeida; por ser uma verdadeira irmã e por tornar tudo possível;
À Mauricio Rogerio Bonato, pela amizade que cresce a cada dia
e por todos os ensinamentos de vida e de profissão;
À Maria Henriqueta Pereira, pela amizade, por toda a preocupação e pela ajuda além-mar;
Ao Prof. Dr. José Everaldo Nogueira Júnior, por toda compreensão, serenidade, tranquilidade e
também pelas longas conversas nas manhãs de sábado. Você ganhou um fã.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, a Débora Cristina de Almeida, Marta Guilherme da Silva, Maria Olinda Florentino da Silva e Patrícia Helena Dias. Apreendi demais com cada uma de vocês e não foi só dentro da sala de aula. Obrigado por fazerem com que cada sábado passasse voando e fosse muito mais divertido.

Agradeço também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, ajudaram para que esse trabalho fosse possível. Marcella Gomes, Kleber Baía, Lucas Cyrino, Carlos Fernando, Erich Beting, Mauro Beting e Samarone Pereira, muito obrigado!

Um agradecimento especial a todos os professores que tive a honra de conhecer durante esses dois anos na PUC. Obrigado pelo conhecimento compartilhado que vou levar para o resto da vida.

Por último, um obrigado cheio de carinho a todos os professores do Colégio Cardeal Motta, em especial, à Prof^a Elisabeth De Lucca Dalla Torre. Se hoje consigo completar uma especialização em língua portuguesa, não posso esquecer daquela que me ensinou de tal forma que fez com que eu me apaixonasse por esse assunto. Obrigado, de coração.

*Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos
exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões
infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há
uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol.*

*Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas
criancices (...) Você pode racionalizar a paixão, e fazer
teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a
massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre
fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e
distante analista e do mais engravatado cartola
aproveitador existe um guri pulando na arquibancada.*

*E esta nossa infantilidade compartilhada,
de certa forma, redime tudo.*

(VERISSIMO, Luis Fernando. *Time dos Sonhos*.
Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2010, p. 25)

RESUMO

A presente monografia tem como proposta inicial verificar como se processa a linguagem do jornalismo esportivo em tempos de Copa do Mundo no que concerne às manchetes e linhas finas de dois jornais veiculados em língua portuguesa – *O Diário de S. Paulo* e *A bola*.

Começando com uma apresentação sintética dos conceitos envolvidos na pesquisa, passando, em seguida, a uma explanação sobre conceitos do jornalismo e também da vertente do jornalismo esportivo, chegando, posteriormente, a uma análise do corpus coletado, este trabalho almeja demonstrar quais são as particularidades da linguagem do jornalismo esportivo de Brasil e Portugal, bem como as relações dessa com a dimensão social da linguagem.

Palavras-chave: jornalismo – língua portuguesa – discurso jornalístico – metáforas – elementos modalizadores

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo I – Fundamentação Teórica

1.1. A língua

1.1.1. Dimensão social

1.1.2. Dimensão discursiva

1.1.3. Dimensão textual

1.2. O jornalismo

1.2.1. Jornalismo esportivo no Brasil

1.2.2. Jornalismo esportivo em Portugal

1.2.3. Jornalismo em uma cobertura de Copa do Mundo

1.2.4. A linguagem jornalística

Capítulo II – Análise do *corpus*

2. 1. Apresentação do corpus

2. 2. Critérios escolhidos

2. 3. A metáfora

2. 4. Os modalizadores

Considerações Finais

Referências Bibliográficas

Anexos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a linguagem do jornalismo esportivo utilizada pela imprensa escrita de dois países lusófonos – Brasil e Portugal – em textos produzidos durante a cobertura da Copa do Mundo de 2010, com o objetivo de verificar os efeitos de sentido obtidos por meio dessa linguagem e, principalmente, como essa linguagem se relaciona com o mito de imparcialidade da imprensa.

Para isso foi selecionado um *corpus* composto de manchetes e linhas finas do caderno esportivo do jornal *O Diário de S. Paulo* e do jornal esportivo português *A bola*.

A escolha desse tema e desse *corpus* não foi aleatória. Na verdade, ela se deve ao fato de que o futebol é o esporte mais praticado em todo o mundo. Estima-se que cerca de 300 milhões de pessoas sejam adeptas do esporte da bola redonda com duas traves, uma de cada lado, do campo retangular. Nas últimas décadas, até as mulheres que, historicamente, não eram ligadas ao futebol, passaram a gostar e muitas, inclusive, estão praticando.

No Brasil, a paixão pelo futebol está em cada esquina. Não é necessário andar muito na rua para ver alguém conversando ou discutindo sobre o esporte, alguém com a camisa do time de coração ou as televisões ligadas nos diversos canais e programas especializados.

O ápice desse esporte tão adorado é a Copa do Mundo, realizada de quatro em quatro anos, e que é de uma importância tão grande, que é intercalada com a realização dos Jogos Olímpicos. O principal vencedor é exatamente o Brasil com cinco títulos, o que faz com que a imprensa brasileira dê extrema atenção ao evento.

Dessa forma, a imprensa do país espera sempre ansiosamente o Mundial chegar e 2010 foi ano de Copa do Mundo. Quanto mais perto o evento estava, mais se falava, mais se comentava, mais se especulava. E muitos jornalistas, como qualquer brasileiro, têm as próprias opiniões, mas, exatamente pela profissão que exercem, não podem, com exceção daqueles com colunas e artigos de opinião, torná-las públicas.

A verdade é que, por meio desta pesquisa, será possível verificar os efeitos discursivos que Citelli (1994: 18) define como:

(...) efeitos pragmáticos da linguagem, esta capacidade que os signos verbais possuem de influenciar pessoas, de definir ou de redefinir posições, de confirmar preconceitos, de formar ou reformar atitudes.

Assim, no período pré-Copa, principalmente, durante o evento mais importante do futebol mundial, houve tentativas claras de convencer e/ou persuadir os consumidores das informações. Os veículos de comunicação se utilizaram muito de metáforas e de modalizadores para obter efeitos dos mais diversos tipos na cabeça de cada um desses consumidores.

Por se tratar de um trabalho de especialização em língua portuguesa e devido ao fato de que Brasil e Portugal, os dois maiores países lusófonos do mundo, estiveram, por coincidência, no mesmo grupo na Copa do Mundo, esta análise foi feita de modo a estabelecer comparações entre as intenções e os efeitos de sentido alcançados pelas imprensas desses dois países. Isso se dará por meio de uma metodologia de seleção e observação de *corpus*. Nessa abordagem que articule teorias distintas como a retórica, a linguística textual e o jornalismo em si.

No primeiro capítulo, será esboçado um pequeno panorama dos conceitos imbricados nesta pesquisa, como as diferentes perspectivas no que concerne à noção de língua, bem como os níveis de linguagem da concepção tridimensional proposta por Fairclough (2008). Ainda nesse capítulo, também se discorrerá a respeito do jornalismo, mais especificamente das características do jornalismo esportivo e de sua respectiva linguagem em tempos de Copa do Mundo, evento de maior importância para o futebol.

Após essa fundamentação teórica, será feita uma análise das ocorrências encontradas no *corpus* que privilegiará os elementos metafóricos e os modalizadores presentes nas manchetes e nas linhas finas do discurso dos jornalistas brasileiros e portugueses a fim de se verificar quais elementos são os mais utilizados, bem como as possíveis relações entre esses elementos linguísticos e a dimensão histórico-social da linguagem.

Como brasileiros e portugueses são públicos bastante distintos, será que a forma como esses recursos são utilizados nos textos também são distintas?

O Brasil é um durante a realização de uma Copa do Mundo e outro fora dela. Em Portugal, as coisas já não são assim. A tradição brasileira é muito maior do que a portuguesa. A importância dada ao torneio no território português nem se compara à dada aqui, mas, apesar disso, o país europeu também é apaixonado pelo esporte. A fim de verificarmos a abrangência de tais asserções, passemos ao conceito de língua e sua relação com a sociedade.

Capítulo I – Fundamentação Teórica

1.1. A língua

Muitas são as concepções de língua com as quais nos deparamos no decorrer da história. A fim de se entender o conceito de língua adotado no presente trabalho, faz-se necessário compreender três das mais conhecidas visões a respeito da língua.

a) Visão linguística Saussuriana

Para Saussure, iniciador dessa tradição fundamentalmente linguística e dicotômica, a língua é composta por duas instâncias distintas – a *langue* (língua) e a *parole* (fala). De acordo com essa visão, a *langue* é o domínio do sistema linguístico e, como tal, passível de ser analisada; enquanto a *parole*, por se constituir no domínio do uso da língua, não poder ser estudada sistematicamente uma vez que é imprevisível e dependente dos usos individuais que dela são feitos.

O quadro a seguir visa a demonstrar os principais elementos dessa concepção de língua:

<i>Langue</i>	<i>versus</i>	<i>Parole</i>
Virtual		Real
Sistematizada		Não sistematizada
Social		Individual
Planejada		Não planejada
Precisa		Imprecisa
Normatizada		Não normatizada
Completa		Fragmentária

Tal visão tem a desvantagem de descartar os usos que os falantes fazem da língua da análise linguística. O problema dessa visão consistiria, por conseguinte, no fato de Saussure desconsiderar o aspecto e a função social da língua. É a isso que insurgem os sociolinguistas como se pretende demonstrar a seguir.

b) Visão sociolinguística

Para sociolinguistas como Bortoni, Kleiman e Soares, o uso da língua é moldado socialmente, não podendo, dessa maneira, excluir-se o domínio da fala da análise linguística, visto que, diferentemente do que se pensava até então, a fala não é o lugar da imprevisibilidade e do caos.

Os adeptos dessa vertente analisam a língua sob a perspectiva dos processos educacionais. Para eles a preocupação dos estudos linguísticos deve recair sobre a identificação de regularidades e variações entre norma padrão e normas não padrão uma vez que o uso da língua dependeria da natureza das relações entre os participantes envolvidos em atos interativos, bem como do tipo de situação social em que interagem e dos objetivos também sociais que esses participantes teriam durante o próprio processo discursivo-interacional.

O quadro a seguir almeja identificar os principais conceitos inerentes a essa concepção de língua:

Fala e escrita apresentam	
Língua padrão	Variedades não padrão
Língua culta	Língua coloquial
Norma padrão	Normas não padrão

(Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez, 2008, p. 31.)

Tal visão tem o problema de não distinguir a fala e a escrita, mas variedades linguísticas, sendo a padrão desprovida de valores intrínsecos superiores aos das demais normas, mas eleita ideologicamente (cf. Marcuschi: *ibid*, p. 31).

Desse modo, nessa perspectiva, o sistema deixa de ter status superior ao do uso e ambos passam a ser vistos como passíveis de variação. Apesar da vantagem dessa perspectiva eliminar a identificação equivocada da escrita com a norma padrão, ao contrário do que pensavam alguns desses autores, Marcuschi (*ibid*), talvez baseado nos preceitos da educação linguística de Bechara, rejeita a ideia de que a relação entre fala e escrita se resuma a dois dialetos com variantes, mas afirma que essa relação ocorre entre duas modalidades da língua que, a fim de obter falantes eficientes no que tange à

competência comunicativa e amenizar a opressão pelo desconhecimento linguístico, devem ser estudadas não só quanto à norma padrão, mas também quanto às variantes (cf. BECHARA: 2006).

c) Visão discursiva dialética tridimensional

Considerando a língua como uma forma de prática social, Fairclough (2008) propõe uma visão dela como discurso, sendo que este seria um modo de ação dos usuários da língua sobre o mundo e sobre uns aos outros, ao passo em que também seria um modo de representação social. Assim, um texto seria construído dentro dos limites das práticas sociais e discursivas e influenciaria a organização dessas práticas sociais a um só tempo.

É por esse motivo que essa visão pode ser considerada dialética e tridimensional. Para os membros dessa vertente, o que importa é justamente essa qualidade dialética do discurso. Em outras palavras, essa visão interessa-se por demonstrar como a estrutura social que molda o discurso por meio de relações sociais de diferentes níveis também é um de seus elementos constitutivos, pois contribui para a construção das dimensões dessa estrutura social que o gera ao mesmo tempo em que o restringe.

Discurso

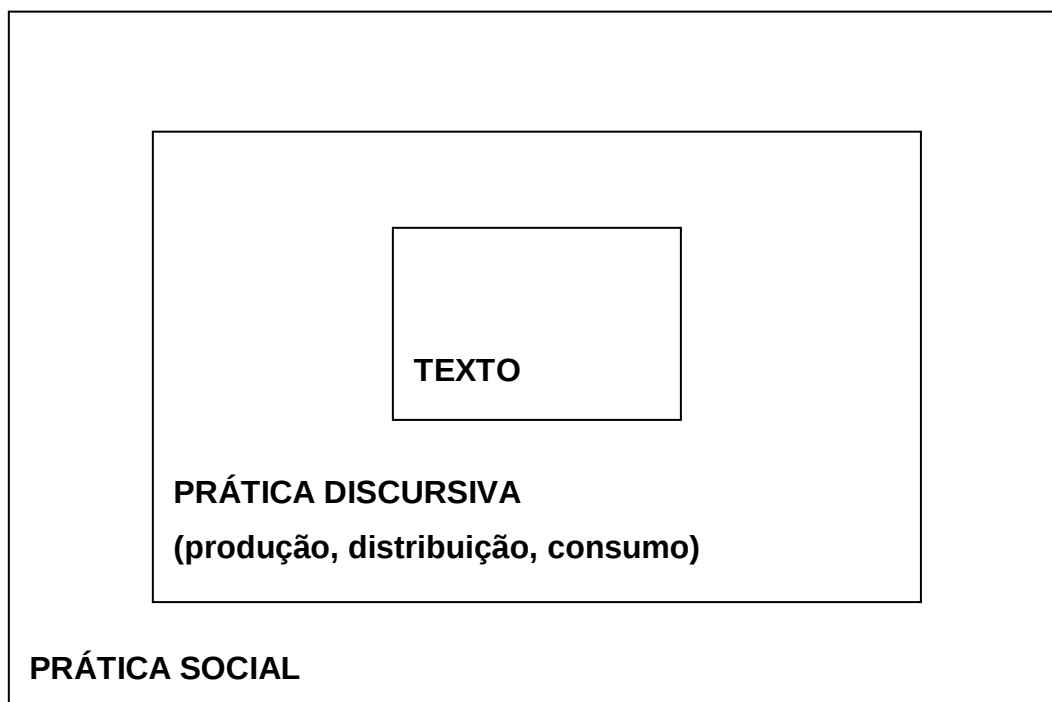
Constrói identidades sociais	(Função identitária)
Auxilia na construção das relações sociais	(Função relacional)
Contribui para a formação de sistemas de conhecimento e de crenças	(Função ideacional)
Seleciona maneiras diferentes de tratar as informações	(Função textual)

É essa visão que será adotada neste estudo, visto que possibilitará o entendimento do modo como são construídos os efeitos de sentido do discurso jornalístico no que concerne às relações entre os usuários de língua portuguesa de Brasil e Portugal e o âmbito do futebol. Em vista disso, passemos ao estudo das três dimensões que compõem essa abordagem de análise linguística: a social, a discursiva e a textual.

Na tentativa de reunir aspectos de diferentes tradições de análise da língua, Fairclough (2008: 101) propõe essa concepção tridimensional de língua que almeja possibilitar uma análise mais completa. Esse autor argumenta que:

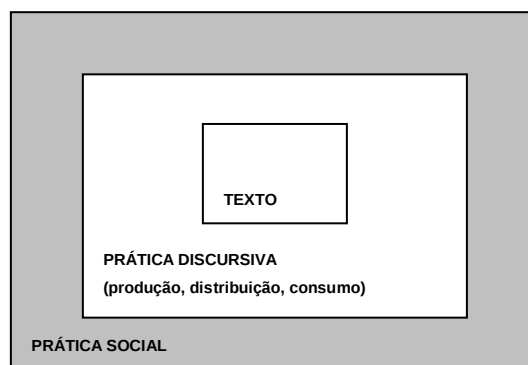
(...) ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos. Assim, seus procedimentos e suas práticas podem ser investidos política e ideologicamente, podendo ser posicionados por eles como sujeitos (e 'membros'). Argumentaria também que a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais e as lutas sociais, dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência. E, finalmente, argumentaria que os próprios procedimentos que os membros usam são heterogêneos e contraditórios e contestados em lutas de natureza parcialmente discursiva.

Concepção tridimensional do discurso proposta por Fairclough:



(Fonte: FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. São Paulo: Editora UnB, 2008, p. 101.)

1.1.1. Dimensão social



Considerar o discurso como uma prática social significa admitir que o individual e o social não podem ser dissociados. Diferentemente do que afirmava Saussure, então, a *parole* não pode ser um ato estritamente individual, pois as pessoas somente produzem textos diferentes (ou ligeiramente diferentes) porque têm experiências diferentes em momentos e locais diferentes. Assim, conforme a perspectiva dialógica de Bakhtin, o EU e o OUTRO estão inseparavelmente ligados e a linguagem é o elemento articulador de ambas essas instâncias. Daí ser a interação a essência do discurso, uma vez que tudo o que profere um enunciador não pertence apenas a ele, pois o seu discurso é, na verdade, um conjunto de vozes que se interpenetram consciente ou inconscientemente.

Tal conjunto de vozes distintas configura o que, na perspectiva bakhtiniana, denomina-se polifonia. Polifonia é a palavra utilizada para se referir às várias vozes que compõem os enunciados. Nessa dimensão, uma tensão dialética surgiria como elemento formador de todo discurso, visto que ele seria não apenas uma forma de expressão do aspecto social, mas também um produto da interação social cuja estrutura formal está intrinsecamente ligada aos valores do meio em que ele se produz.

Segundo Barros (2003: 05-6), polifonia é o termo que denomina um tipo de texto no qual estão explícitas várias vozes, enquanto o termo dialogismo denominaria uma característica constitutiva da linguagem em si.

Em outras palavras, o diálogo é condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas acionadas. No primeiro caso, o dos textos polifônicos, as vozes se mostram; no segundo, o dos monofônicos, elas se ocultam sob a aparência de uma única voz. Monofonia e polifonia de um discurso são, dessa forma, efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição, dialógicos. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir.

Como o OUTRO é uma instância que integra o discurso na forma de vozes implícitas ou explícitas, quando reconhecem a existência dessas vozes, os consumidores de um determinado discurso também precisam reconhecer que o discurso em si é uma construção ideológica, que revela a ideologia que permeia a estrutura social em que o discurso, como enunciado, é produzido.

Para Fairclough (*ibid*: 116), a ideologia tem “existência material nas práticas das instituições” e isso implica uma concepção de discursos como materializações de ideologia no sentido de que contêm sempre uma visão de mundo imbricada, sendo essa visão construída no próprio discurso e mantida como dominante por ele a um só tempo.

Como nem todos os valores sociais nos são ensinados, alguns são apreendidos inconscientemente por meio de nossa exposição à ideologia dominante pelas nossas experiências sociais, seria pertinente dizer que a ideologia está tão presente cognitivamente nos consumidores do processo discursivo que não é possível delimitar o que é a essência individual e o que são as condições materiais da nossa sociedade. Assim sendo, a ideologia pode ser definida como uma visão da realidade social não estanque, embora imposta, mas dialética no sentido de que, por não cobrir toda a realidade e suas relações de dominação, enfrenta um processo contínuo de movimentação e transformação:

(...) as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são

*construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 117)*

Apesar de os sujeitos discursivos serem ideologicamente posicionados, do que decorre a importância da constituição dos sujeitos para a análise do discurso, a ideologia é uma característica presente não só nas estruturas sociais ou ordens do discurso, mas também nos eventos discursivos, posto que é um processo interpessoal, e nos seus produtos: os textos, que são momentos específicos dos eventos discursivos.

*(...) a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 119)*

O surgimento dessa dimensão ideológica ocorre, então, em sociedades que se caracterizam pela existência de relações de dominação de classes, de gêneros e de culturas. Daí o fato de haver diferentes graus de ideologia em diferentes textos.

*(...) os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras. O equilíbrio entre o sujeito 'efeito' ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação. (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 121)*

Quando uma ideologia já não é mais tida como uma visão de mundo implícita nas manifestações discursivas, mas como universal e, portanto, como senso comum, diz-se que ela atingiu a hegemonia. Segundo Fairclough (*ibid*: 122), o conceito de hegemonia e de luta hegemônica são úteis para a análise

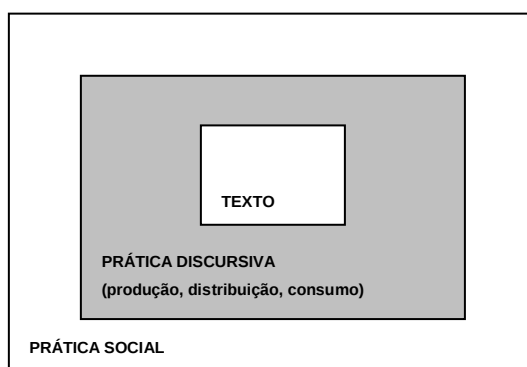
do discurso porque possibilitam o entendimento da matriz que norteia as práticas sociais e discursivas, bem como das estruturas que com ela concorrem.

É a partir da problematização das convenções sociais, elementos constituintes do aparato cognitivo dos consumidores de discursos, que se desenrolam as mudanças discursivas. Em outras palavras, muito embora as ordens do discurso regulem as práticas discursivas, sendo, portanto, marcos delimitadores que reproduzem ou transformam não só a si mesmas como também as relações sociais na luta hegemônica, quando surgem dilemas, como novas necessidades sociais, as pessoas se empenham na busca por soluções inovadoras, contribuindo para a mudança das convenções existentes.

A mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem. (FAIRCLOUGH: ibid, p. 127)

A fim de entendermos como essas mudanças discursivas se dão e como elas são marcadas durante a produção do próprio discurso, passemos ao estudo dessa outra dimensão linguística: a dimensão discursiva.

1.1.2. Dimensão discursiva



Tal dimensão se ocupa da verificação de três estágios do processo interacional de acordo com suas determinações sociais: a produção textual,

sua distribuição e seu consumo. Isso porque os textos, além de serem formações particulares, são produzidos conforme contextos sociais específicos.

Quanto à fase de produção, utilizando as ideias de Goffman, Fairclough admite a existência da posição de produtor, sendo que esta é desmembrada em três instâncias diferentes: a de animador, a de autor e a de principal. O primeiro se refere à pessoa propriamente dita que profere ou escreve um texto; o segundo, à entidade que seleciona as unidades inferiores que formam o texto e é responsável por sua criação e o terceiro, ao sujeito cuja posição é manifestada pelas palavras de seu texto.

A respeito do jornal, veículo-base deste estudo, Fairclough (*ibid*: 107) afirma haver uma ambiguidade intrínseca no que concerne a essas posições:

(...) Frequentemente, o principal é uma 'fonte' fora do jornal, mas algumas reportagens não deixam isso claro e dão a impressão de que o principal é o jornal (o(a) editor(a) ou um(a) jornalista); e os textos de autoria coletiva muitas vezes são escritos como se fossem assinados por um(a) único(a) jornalista (que na melhor das hipóteses seria o(a) animador(a)).

No que diz respeito ao consumo textual, este também ocorre de maneiras diversas em contextos sociais distintos. Isso decorre do fato de que, como se verá na seção seguinte, as interpretações de um texto são abertas e dependem do trabalho interpretativo do leitor/ouvinte, bem como dos modos de interpretação disponíveis. Cabe aos intérpretes de um texto fazerem uso do contexto de produção desse texto para limitarem suas interpretações, que possuem a característica de ocorrerem em tempo real. Faz-se necessário ressaltar aqui que o termo contexto, neste caso, refere-se tanto aos elementos que o precedem quanto aos que o sucedem, além do contexto situacional.

É por essa razão que as interpretações podem ser processadas de maneira ascendente, quando se consideram seus níveis inferiores e superiores, sendo que o primeiro se restringe à análise da “sequência de sons ou marcas gráficas em frases no papel” (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 110) e o segundo se refere “à atribuição de significados às frases”.

Assim como o processo de produção, o consumo textual pode ser individual ou coletivo, sendo sua distribuição simples (pertence apenas ao

contexto situacional imediato de produção) ou complexa (destina-se a múltiplos consumidores). Da mesma maneira que os produtores, os consumidores também são compostos por três instâncias diferentes: a de receptor, a de ouvinte e a de destinatário.

*Produtores em organizações sofisticadas, como departamentos do governo, produzem textos de forma a antecipar sua distribuição, transformação e consumo, e neles constroem leitores múltiplos. Podem antecipar não apenas os 'receptores' (aqueles a quem o texto se dirige diretamente), mas também os 'ouvintes' (aqueles a quem o texto não se dirige diretamente, mas são incluídos entre os leitores) e 'destinatários' (aqueles que não constituem parte dos leitores 'oficiais', mas são conhecidos como consumidores de fato)... (FAIRCLOUGH: *ibid*, 106)*

Em constante relação dialética com o aspecto social, o discurso reflete a realidade social ao mesmo tempo em que é fonte do social. Em outras palavras, o discurso possui dimensões sociocognitivas e isso quer dizer que ele é socialmente determinado, muito embora também seja uma forma de construção e/ou transformação social.

Essas dimensões sociocognitivas parecem se referir ao fato de que o discurso é ideologicamente construído. Daí sabermos o que se pode ou não se pode dizer quando estamos envolvidos em qualquer relação de poder. Se uma relação em que estamos inseridos é alterada, também adequamos nosso discurso à nova relação que se nos apresenta.

Isso ocorre porque, para Foucault (2004), formações ideológicas influenciam nossas formações discursivas, sendo as últimas aquelas que estabelecem as coisas que podemos ou não podemos dizer. Segundo esse autor, nós estamos todos sujeitos a coisas das quais não temos consciência e isso é algo inevitável, pois não temos controle sobre o discurso produzido em nossa sociedade uma vez que não há um discurso original, tudo o que se diz já foi dito por outro discurso que, por sua vez, foi-nos transmitido por meio de uma instituição.

*O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (Foucault: *ibid*, p. 07).*

Parece ser por isso que Fairclough (2008) alega serem os processos de produção e de consumo socialmente restringidos de maneira ambivalente:

*Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre. (FAIRCLOUGH: *ibid*, 109)*

Disso decorre a importância do contexto na redução dessa ambivalência textual. Nesse sentido, a interpretação dos discursos pode ocorrer de duas maneiras – ascendente ou descendente. No primeiro caso, parte-se da análise dos elementos que constituem os níveis inferiores para se entender os níveis superiores do discurso. No segundo, por sua vez, parte-se de inferências e predições feitas pelos consumidores para se chegar a uma interpretação dos níveis inferiores.

(...) os intérpretes chegam a interpretações da totalidade da prática social da qual o discurso faz parte, e tais interpretações conduzem a predições sobre os sentidos dos textos que novamente

reduzem a ambivalência pela exclusão de outros sentidos possíveis.
(FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 110)

Implícita nesse processo interpretativo está a função ideacional do discurso. Como se verá a seguir, são os pressupostos ideológicos dos consumidores os guias do modo como o contexto influenciará a apreensão do discurso.

(...) os textos estabelecem posições para os sujeitos intérpretes que são 'capazes' de compreendê-los e 'capazes' de fazer as conexões e as inferências, de acordo com os princípios interpretativos relevantes, necessários para gerar leituras coerentes. Tais conexões e inferências podem apoiar-se em pressupostos de tipo ideológico.
(FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 113)

Tão importante é o contexto que a força dos atos de fala também se molda a partir dele, podendo esta ser direta ou indireta. Considerando-se as diferentes funções discursivas assumidas pelos enunciados, não surpreende o fato de os níveis discursivos superiores assumirem forças não previstas:

(...) as formas das palavras podem ter forças que parecem altamente improváveis se as considerarmos fora do contexto.
(FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 111-2)

A coerência, ao contrário do que pensa o senso comum, deve ser, para Fairclough, considerada não como uma característica inerente ao texto, mas aos consumidores, haja vista o fato de que um texto coerente é aquele ao qual podemos atribuir um sentido global, mesmo quando as suas relações de sentido não estão explícitas:

Um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido, alguém que é capaz de inferir essas relações de sentido na ausência de marcadores explícitos. (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 113)

Em outras palavras, a coerência de um texto depende da habilidade de seus consumidores de recorrerem a princípios interpretativos a fim de compreenderem as relações de sentido no texto imbricadas.

Uma vez que um texto se compõe de fragmentos de outros anteriores, é necessário voltar-se para a dimensão da intertextualidade. Baseado nos conceitos de Bakhtin, Fairclough define tal dimensão da análise discursiva como:

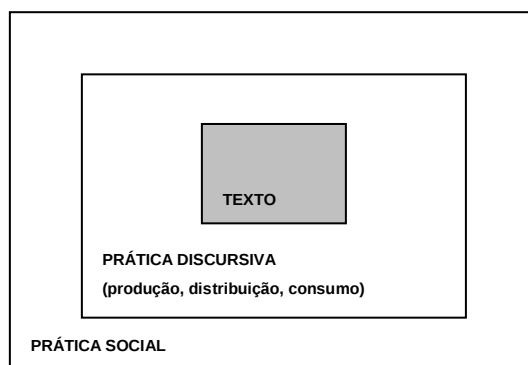
*(...) a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante. (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 114)*

Quanto à produção textual, uma análise que considere tal dimensão propicia a relação histórica entre os textos, indicando a composição de “cadeias da comunicação verbal” (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 114). No que se refere à distribuição textual, a intertextualidade indica as “redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam, sofrendo transformações predizíveis ao mudarem de um tipo de texto a outro” (FAIRCLOUGH: *idem*). Por último, quanto ao consumo textual, a intertextualidade acentua o fato de que a interpretação de um texto não comporta apenas os enunciados que o compõem, mas todos os “outros textos que os intérpretes variavelmente trazem ao processo de interpretação” (FAIRCLOUGH: *idem*).

Diante de tudo isso, é que Fairclough propõe uma análise em dois níveis: micro e macro. O primeiro visa a explicar o modo de produção e interpretação discursiva com base em informações oriundas dos próprios participantes; o segundo, a natureza dos recursos utilizados pelos membros integrantes do processo discursivo.

*Portanto, a microanálise e a macroanálise são requisitos mútuos. É devido a sua inter-relação que a dimensão da prática discursiva em minha teoria tridimensional pode mediar a relação entre as dimensões da prática social e do texto: é a natureza da prática social que determina os macroprocessos da prática discursiva e são os microprocessos que moldam o texto. (FAIRCLOUGH: *ibid*, p. 115)*

1.1.3. Dimensão textual



Segundo a perspectiva de Fairclough, a análise de textos, como superficialização de um conteúdo, sempre comporta duas esferas – a da forma e a do conteúdo. Assim, sua abordagem crítica do discurso defende que “os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares” (*ibid*: 103).

Distinguindo o “significado potencial” de um texto da interpretação que se faz dele, esse autor propõe um modelo de análise textual que considere os múltiplos sentidos possíveis de um texto e sua característica de ser interpretado de maneira polivalente. Para ele, o termo ‘sentido’ pode, então, ser atribuído tanto para se referir ao significado potencial como a cada uma das interpretações de um texto:

O significado potencial de uma forma é geralmente heterogêneo, um complexo de significados diversos, sobrepostos e algumas vezes contraditórios, de forma que os textos são em geral altamente ambivalentes e abertos a múltiplas interpretações.
(FAIRCLOUGH: *idem*)

Seu esquema de análise textual comporta quatro elementos essenciais para a construção do texto: o léxico, a gramática, a coesão e a estrutura textual, como se o texto se compusesse em uma cadeia hierárquica que abrange desde unidades isoladas (as palavras) até as propriedades e organizações do texto como uma superestrutura. Aliados aos elementos de

análise da prática discursiva mencionados na seção anterior, a tipologia dos atos de fala, a coerência e a intertextualidade, é que se forma um esquema de análise crítica textual-discursiva completo, uma vez que abrange tanto elementos de sua produção quanto de sua recepção e interpretação por parte dos leitores/ouvintes.

Sendo a oração a principal unidade da gramática, essa combinação de palavras encerra em si mesma uma combinação de significados identitários, relacionais, ideacionais e textuais. Disso decorre o fato de elas serem consideradas multifuncionais.

Quanto ao que concerne ao vocabulário, o referido autor sugere que se adotem três focos de análise, visto que o conjunto de vocábulos de uma língua não tem seus significados limitados pela sua compilação em dicionários. Para Fairclough, o vocabulário implica uma sobreposição e uma competição que comporta aspectos de diferentes domínios. Daí suas noções de *wording* (processo de criação de vocábulos), lexicalização e significação. Assim, é possível analisar as diferentes manifestações do léxico, no sentido de processo de significação do mundo, em diferentes grupos sociais e em diferentes épocas.

Consequentemente, o primeiro foco de análise abrangeria os processos de relexicalização de termos conforme sua significância política e ideológica; o segundo, ao processo de concorrência de sentidos das palavras como forma de hegemonia e, o terceiro, às implicações políticas e ideológicas das metáforas particulares e alternativas.

Sobre a coesão, o autor menciona sua função de interligar tanto orações em frases, quanto as frases em unidades textuais maiores. Tal efeito pode ser obtido de diversos modos, dentre os quais estão os processos de referenciação e substituição, o uso de conectivos e elementos ordenadores, a seleção de palavras de um mesmo campo semântico ou da mesma família lexical, sinonímia, hiperonímia e hiponímia.

Esses esquemas e seus aspectos particulares, como a estrutura argumentativa dos textos, variam entre os tipos de discurso, e é interessante explorar tais variações como evidências de diferentes

modos de racionalidade e modificações nos modos de racionalidade, à medida que mudam as práticas discursivas. (FAIRCLOUGH: ibid, 106)

Por fim, essa dimensão comporta o estudo da estrutura dos textos, seu planejamento e sua organização. Para o autor, seria a estrutura do texto a responsável por indicar ou refletir não apenas relações sociais, mas também identidades sociais geralmente envolvidas em cada gênero textual.

Tais convenções de estruturação podem ampliar a percepção dos sistemas de conhecimento e crença dos pressupostos sobre as relações sociais e as identidades sociais que estão embutidos nas convenções dos tipos de textos. (FAIRCLOUGH: ibid, 106)

E por falar em gêneros textuais, uma vez que manchetes e linhas finas são os gêneros sob análise nesta pesquisa, passemos à caracterização do discurso jornalístico, mais especificamente do jornalismo esportivo, no qual se inserem esses gêneros.

1.2. O jornalismo esportivo

Esta análise consiste em averiguar os efeitos de sentido alcançados por meio do uso de estratégias estilístico-argumentativas no jornalismo esportivo. Tipo de jornalismo, aliás, diferente dos outros por ser mais leve, mais passível de mudanças, de tentativas do profissional de sair da mesmice dos textos de outras editorias. Ainda mais quando o esporte em pauta é o futebol, uma unanimidade mundial. Para Foer (2005:09), “evidentemente, o futebol não é a mesma coisa que Bach ou o budismo. Mas frequentemente provoca um sentimento mais profundo que a religião”.

O jornalismo esportivo é uma vertente do jornalismo. Por esse motivo, deveria ser trabalhado da mesma forma que se trabalha qualquer jornalismo, mas, pelo menos no Brasil, é diferente. Diferente na sua concepção e estilo, diferente porque os profissionais que trabalham nele, nem sempre, são imparciais e sabem exatamente até onde podem chegar com suas coberturas. Coberturas, que são, via de regra, tendenciosas e na maioria das vezes,

exageram, fazem sensacionalismo em cima de um tema e nem sempre correspondem com a verdade.

A história dessa “modalidade” de jornalismo começa de forma tímida com o surgimento dos jornais, ainda no século XIX. Os eventos esportivos para cobertura jornalística eram provas de remo, natação, corridas de cavalos, entre poucos outros. No final do século XIX, início do século XX, ganhou força popular um esporte que viria se tornar essencialmente brasileiro, o futebol, vindo como tantos outros esportes, da Inglaterra.

1.2.1. Jornalismo esportivo no Brasil

Pode-se dizer que o futebol foi o grande responsável pelo aparecimento do jornalismo esportivo no Brasil. Foi ele que edificou a editoria de esportes por ser o mais popular do mundo e que, rapidamente, se tornou assim também no Brasil. O problema é que, ao mesmo tempo que alavancou a cobertura jornalística, ele também é o “responsável” pela pobreza do conceito “esporte” na editoria, por mais incrível e contraditório que isso possa parecer.

O futebol é popular também nas redações, local de trabalho dos jornalistas. Com o tempo, a maioria dos profissionais passou a não se interessar por outros esportes, fato que acontece ainda hoje. O automobilismo, caracterizado principalmente pela Fórmula 1, o tênis, o basquete e o vôlei são modalidades que têm profissionais especializados realizando suas coberturas, mas não passa disso. Outros, como atletismo e natação, por exemplo, têm coberturas sazonais, em épocas de Jogos Olímpicos e Mundiais ou quando algum “ícone” do esporte aparece, como Maurren Maggi ou César Cielo.

O fato é que o jornalismo esportivo no Brasil, diferentemente do de outros países, não contribui para o desenvolvimento dos esportes. Trazer o maior número de informações possível ao público leitor, mesmo que esse público esteja acostumado a apreciar apenas o futebol, deveria ser uma das funções da editoria. Muitos apaixonados por esporte se perguntam se o público gosta apenas de futebol porque simplesmente gosta ou porque as coberturas jornalísticas em jornais, internet, televisões e rádios só falam de futebol. As respostas parecem óbvias e caminham no mesmo sentido, mas independentemente de o público seguir a tendência mostrada pela mídia ou

então, da mídia seguir o que o público quer saber, o fato é que o ciclo é vicioso e a cultura esportiva tanto do público quanto dos profissionais acaba se tornando pobre e não contribui em nada para o desenvolvimento do país como uma nação esportiva, uma referência mundial, como o Brasil é no futebol. Isso deveria ser levado em consideração principalmente agora que o país será sede da próxima Copa do Mundo em 2014, mas também dos Jogos Olímpicos de 2016. Nunca houve uma oportunidade tão grande de se procurar criar a tal cultura esportiva em âmbito nacional, tanto da parte de quem lê como de quem trabalha com o jornalismo esportivo. Há tempo para que o público seja “acostumado” a se informar sobre outros esportes que não sejam o futebol.

A escolha do trabalho recaiu sobre o jornalismo esportivo voltado para o futebol e, principalmente, para o maior evento do esporte no planeta, a Copa do Mundo, por ser o que mais utiliza a argumentação nos textos e manchetes. O motivo para isso é a paixão do torcedor, que aflora na maioria das vezes. No rádio, por exemplo, o espaço dado a cada time de futebol é diferente, ou pelo tamanho da torcida ou pela torcida dos próprios profissionais que comandam a editoria. Na televisão e na internet a coisa chega a ser até pior.

Há os que gostam e os que não gostam disso, mas, desde os primórdios, o jornalismo é uma forma de comunicação social. Os jornalistas têm, por dever da profissão, informar e relatar os fatos que acontecem em determinado local. Aquilo que interessam à sociedade como um todo, ou ainda, aqueles isolados que interessam a uma faixa do público, segmentado em valores sociais e culturais, em poder aquisitivo, em importância política e social. O fato deveria ser tratado apenas como uma notícia jornalística, seguindo de forma correta e coerente as teorias da profissão do que é interessante e relevante. As ferramentas para que isso seja definido existem e são bem conhecidas pelos profissionais. O profissional de jornalismo tem uma função das mais nobres e difíceis que é formar a opinião do público. Isso demanda muita responsabilidade e comprometimento profissional e humano, mas a maioria dos jornalistas esportivos nem se lembram disso, quando deveriam ter essa regra na cartilha como sendo a de número 1.

A verdade é que o jornalismo esportivo no Brasil é o jornalismo do futebol. Justamente por saber disso, os profissionais tentam, ao máximo, não demonstrar suas preferências, gostos ou opiniões, o que faz com que as

manchetes e textos tornem-se um mar de metáforas, além de ficar nítido um uso abusivo de modalizadores.

1.2.2. Jornalismo esportivo em Portugal

O jornalismo esportivo tem suas peculiaridades por onde é produzido. Não é diferente em Portugal, país que é a “pátria-mãe” de nossa língua, a portuguesa. Apesar das mudanças ortográficas realizadas há pouco tempo visando a uma unificação da língua entre os países lusófonos, ela segue seu padrão consagrado há anos e traz o principal: uma linguagem formal e romântica, no estilo.

Aqui no Brasil e no mundo, temos acesso a alguns sites portugueses de jornalismo esportivo. Entre eles estão www.abola.pt, www.record.pt, www.zerozero.pt e www.ojogo.pt, por exemplo. São sites extremamente acessados em todo o planeta e trazem muitas informações sobre os esportes em geral, mas, claro, muito sobre futebol e, em especial, sobre os três maiores clubes de Portugal: Benfica, Porto e Sporting. As informações estão concentradas por ordem de importância nesses três clubes, ou seja, nada de diferente do que acontece no Brasil.

Em uma análise desses sites, pode-se constatar que há uma preocupação para que os textos sejam produzidos em uma linguagem direta e objetiva. Só que também existem diferenciações em alguns textos, como manchetes e elementos jornalísticos como aspas e fotos, que utilizam as metáforas para a captação do leitor. Além disso, a curiosidade e o mistério (mesmo que pequeno) são portas de entrada para o leitor “comprar” a informação e ler o texto.

Há, obviamente, nesses sites, o respeito à estrutura da gramática consagrada em Portugal, romântica e com um lirismo textual marcante. Mas no www.record.pt, por exemplo, pode-se encontrar fotos muito grandes na página inicial, com aspas e legendas explicativas, manchetes diretas e algumas curiosas, com metáforas, como uma que diz que o jogador “ateou fogo” no jogo.

Esse tipo de recurso expressivo, em uma manchete, chama muito mais atenção e atrai um número muito maior de leitores do que falar que o jogador

entrou e mudou a partida. Para quem não está acostumado com essas metáforas típicas do futebol, na linha fina vem uma explicação melhor para que o leitor chegue à notícia propriamente dita tendo uma ideia do que vai ler.

É claro que há esse tipo de recurso em sites e periódicos brasileiros, mas de outra forma, sem romantismo exacerbado. “Atear fogo”, em princípio, diz mais do que “botou a boca no trombone”, por exemplo, frase feita muito utilizada na imprensa brasileira e que, no fundo, quer dizer a mesma coisa. De maneira geral, esse site português em questão analisa a notícia de forma direta e interage com o internauta em fóruns e outros recursos da Internet.

Já no site www.zerozero.pt, as informações são levadas ao internauta de forma diferente do anterior: há uma sequência de manchetes e pequenos textos explicativos na parte de cima da página e, por meio dessas manchetes, o internauta se interessa ou não pelo assunto. Se sim, clica na manchete e a página com as informações se abre. Do lado esquerdo da página, há uma lista de ícones pra quem não quer perder tempo e buscar o assunto procurado. Isso é importante pra quem já sabe o que quer. O texto é mais direto e informativo em relação ao site anterior, a escrita é direta e objetiva com mais romantismo e menos sensacionalismo. Além disso, usa poucas metáforas e aspas, mas também utiliza esse recurso de forma inteligente e parecida com o site anterior.

Um exemplo é quando o site afirma que um time está sobre brasas para o próximo jogo. Novamente, isso chama mais atenção do leitor do que escrever que o time vem mal e precisa se recuperar.

O site www.abola.pt, por sua vez, utiliza as fotos e textos nas fotos como portas de entrada mais eficientes para chamar a atenção dos internautas, recurso muito utilizado em especial nesse site. A linguagem está nas fotos e montagens realizadas, já nos textos e manchetes, o privilégio é para as informações e formas diretas de comunicação. As cores também são muito utilizadas a fim de chamar a atenção e capturar o internauta. Os textos em si são mais técnicos e menos previsíveis, contando com a informação como principal questão. Em verdade, o site vai direto ao ponto e não há muita enrolação.

No último site mencionado no início desta seção, o www.ojogo.pt, existe um foco especial em textos mais conservadores, sem grandes rebuscamentos e a utilização de metáforas ou sensacionalismo. É um jornalismo esportivo

mais sóbrio, o mais técnico entre os quatro sites, utilizando nos textos muitas aspas literais e as alcunhas (apelidos) que identificam equipes e torcedores. Mesmo assim, mantendo o estilo sóbrio dos textos, esse é o site que parece ser o mais eficiente na busca pela informação, na tentativa de informar de maneira correta.

Deve-se observar também que as escolhas dos verbos é um ponto interessante em todos os sites esportivos de Portugal. A intenção é dar sempre um tom “dramático” e, por consequência, “romântico” ao texto, técnica e recurso muito utilizado também pela imprensa esportiva espanhola, mas com um toque ainda maior de sofrimento. Há a necessidade de transformar todo acontecimento em epopeia, talvez, pela própria história dos países da Península Ibérica, que foram os grandes conquistadores e exploradores mundiais nos séculos XV e XVI.

Em uma breve comparação com o que vemos no Brasil, fica claro que em Portugal o jornalismo esportivo tem uma preocupação maior em informar bem, mesmo quando utiliza sensacionalismo e figuras de linguagem, em especial a metáfora, para conseguir realizar isso da melhor maneira possível.

No Brasil, os periódicos e os sites apelam para matérias e informações que, na verdade, não informam tanto assim. Claro que há os bons profissionais por aqui, mas a preocupação em preencher espaço e assim vender mais jornais ou ter mais acessos ao site é dominante. Com isso, o risco de erros, chamados de barrigas na linguagem jornalística, aumentam e só servem para irritar o público.

Apesar de num primeiro momento parecer mais superficial e menos confiável, o jornalismo português se mostra muito bom naquilo que é a principal prerrogativa da profissão: informar. Ele pode ensinar muita coisa em termos de seriedade na informação e, por consequência, em credibilidade editorial, o que rechaça o sensacionalismo barato observado em muitos sites e periódicos brasileiros.

Como a Internet é um veículo de comunicação relativamente recente se comparado aos outros mais conhecidos, o trabalho preferiu fazer uma análise mais profunda entre dois jornais impressos de grande circulação, um no Brasil e outro em Portugal, conforme consta do capítulo 3 e com riqueza de detalhes e exemplos.

1.2.3. Jornalismo em uma cobertura de Copa do Mundo

Há quem diga que apenas os apaixonados por futebol acreditam que a Copa do Mundo do esporte é o maior evento realizado no mundo. Só que, para os incrédulos, de acordo com os números, isso é verdade. A Copa do Mundo de apenas um esporte é maior, por exemplo, do que os Jogos Olímpicos de verão, que englobam 28 modalidades diferentes, segundo o Comitê Olímpico Internacional.

Isso deixa evidente a força do futebol. Talvez porque a Copa do Mundo dure um mês enquanto a Olimpíada dura 15 dias. Talvez porque a Copa do Mundo seja disputada em várias cidades-sede (na da África do Sul, por exemplo, foram 9), enquanto a Olimpíada se restringe a apenas uma. Talvez porque o futebol é o futebol e pronto. Aquele que, segundo o jornalista, apresentador e comentarista Mauro Beting, “é a mais perfeita imperfeição criada pelo homem”.

A Copa do Mundo de futebol começou em 1930. Naquela época já ficava clara a importância dada ao esporte. Afinal, de quatro em quatro anos eram realizados os Jogos Olímpicos e, a partir dali, eles seriam intercalados justamente pelos Mundiais de futebol. De lá para cá foram 19 edições. Apenas os anos de 1942 e 1946 não viram a Copa do Mundo, já que a Segunda Guerra Mundial foi capaz de vencer o esporte mais praticado do planeta.

Só que há mais de 80 anos, apesar do futebol já demonstrar essa importância toda, nada era como nos dias atuais. Nessas 19 edições, o esporte caminhou lado a lado com a tecnologia e, hoje, os números relacionados ao Mundial impressionam. Segundo o jornalista, apresentador, comentarista e editor-chefe do site “Máquina do Esporte”, Erich Beting, “o futebol virou uma verdadeira máquina de fazer rodar dinheiro”. Gentilmente, ele disponibilizou para este trabalho alguns números divulgados pela entidade que coordena o esporte em todo o mundo, a FIFA:

Números da FIFA para a Copa do Mundo de 2010	
Data	De 11 de junho a 11 de julho de 2010
Verba	FIFA – 1,8 bilhões de dólares Comitê organizador – 423 milhões de dólares
Cidades-sede	09
Estádios	10
Espectadores	+/- 3,3 milhões
Times	32
Jogos	64
Transmissão	214
Canais	376

(Fonte: Documentos da FIFA enviados por Erich Beting – Vide anexo)

Agora, dá para imaginar fazer a cobertura jornalística de um evento tão grandioso como esse? O jornalista Mauro Beting já teve a oportunidade de trabalhar em 4 Copas do Mundo “in loco”. Ele esteve nos Estados Unidos, em 1994, na França, em 1998, na Alemanha, em 2006, e na África do Sul, em 2010. E se impressiona a cada quatro anos. “Trata-se de um esporte injusto, no qual o mais fraco pode vencer o mais forte. Ao mesmo tempo, é irracional e apaixonante e mexe com as pessoas de uma maneira inexplicável.”

Perguntado sobre o motivo da Copa do Mundo de futebol ser o maior evento realizado no planeta, superando, inclusive, os Jogos Olímpicos, o jornalista é taxativo: “A culpa é da imprensa e do público. Se você pegar um jornal hoje, em qualquer meio de comunicação, seja televisão, rádio, internet ou impresso, o espaço dado ao futebol é muito maior do que aos outros esportes. Isso acontece nos principais países do mundo. O público parece não querer saber de outro esporte e a imprensa aproveita-se disso para ganhar ouvintes, leitores e telespectadores. Por qual motivo vou dar espaço ao vôlei, ao basquete, ao tênis se o que me dá audiência é o futebol?”

Na opinião de Mauro Beting, isso faz com que haja “uma massificação absurda e cada vez mais existam jornalistas especializados, fanáticos e bitolados no único esporte com bola que é jogado com os pés”.

Mas, apesar do lado profissional ficar enriquecido na cobertura de uma Copa do Mundo de futebol, o que mais ganha é o lado pessoal. Qualquer um que já teve a oportunidade de estar presente no evento, diz que é uma experiência

gigantesca como ser humano, já que o centro de imprensa de um Mundial é um emaranhado de línguas e culturas diferentes. São 32 nações representando todos os continentes, com exceção da Antártida.

Por isso, o fato dos dois únicos representantes da Língua Portuguesa entre os 32 terem caído no mesmo grupo só pode ser considerado coisa do destino. Ainda mais se levarmos em consideração que Portugal e Brasil foram, séculos atrás, metrópole e colônia. Era a própria história entrando em campo numa Copa do Mundo que, só por ser a primeira disputada em solo africano, já era histórica. Os dois países ficaram no Grupo G ao lado de Coreia do Norte e Costa do Marfim e, desde a data do sorteio, já eram os responsáveis pelo duelo mais esperado da primeira fase.

O jogo em si foi uma decepção. O principal nome brasileiro, Kaká, não jogou por ter sido expulso na partida anterior. O principal jogador português, Cristiano Ronaldo, não foi nem sombra daquilo que o mundo já pôde acompanhar. Assim, o zero a zero foi o placar mais justo no dia 25 de junho, na cidade de Durban.

Mas, da coincidência de Brasil e Portugal terem se enfrentado em uma Copa do Mundo depois de 44 anos, surgiu a ideia para este trabalho. Por meio da metáfora e dos modalizadores, como as imprensas brasileira e portuguesa fizeram a cobertura do Mundial? Como falar em imprensa é uma coisa um tanto ampla, ficou decidido que seriam analisados e comparados um jornal impresso de cada país. E o resultado disso é o que virá a seguir.

1.2.4. A linguagem jornalística

Segundo Preti (1977), o jornal é um meio de comunicação de massa e, como tal, nele predominariam as formas de linguagem urbanas, das cidades. Tanto que daí decorreria o fato de as gírias serem mais largamente incorporadas pela mídia.

(...) A linguagem do jornal, mas também a do rádio, da TV, do cinema, do teatro e da propaganda, mesmo quando escrita, representa uma associação do oral com o escrito, valendo-se das estruturas da fala espontânea, associadas aos preceitos da gramática tradicional, o

que se tornou norma na linguagem urbana comum. Da mesma forma, seu vocabulário é uma curiosa mistura de vocábulos tidos como cultos com vocábulos populares e gírios (PRETI: 2005, p. 24).

Ainda conforme o autor, esse veículo tem papel nivelador, cristalizando, como qualquer veículo de comunicação de massa, as falas mais típicas, mudando a tradição linguística e até alterando o léxico regional e a dinâmica da evolução de uma dada língua.

Nos centros civilizados ou nas pequenas cidades, os jornais têm divulgado uma linguagem escrita, ligada em maior ou menor grau à falada, com aceitação plena dos leitores. Já nos habituamos ao fato de existir uma linguagem mais rica, mais culta para o editorial ou a seção de artes, como também uma mais popular, quase transcrição de ato de fala, para o noticiário policial ou o comentário esportivo... Uma nova linguagem se instaura, intermediária entre a fala e a escrita, contendo estruturas e vocabulário de ambas e servindo, indiferentemente, aos dois tipos de comunicação (PRETI: 1977, p. 32).

Conforme Santaella (*apud* Dias: 2008, p. 42), a linguagem jornalística compõe-se das linguagens verbal escrita, fotográfica, gráfica e diagramática. Quanto à linguagem verbal escrita, há jornais contemporâneos que valorizam o emprego de uma linguagem formal, culta e materializada em manuais de redação, como se a linguagem do jornal devesse ser homogênea e não houvesse a necessidade de adequação linguística às diferentes editorias com seus leitores específicos.

No plano linguístico, não há razão alguma que justifique uma estigmatização da linguagem que fuja aos modelos dos Manuais, porém, no plano social, no nível da interação entre os indivíduos, há que se ter em conta que o valor de um discurso depende do status social do locutor e isto explica por que determinadas manifestações linguísticas são sancionadas e outras, excluídas (DIAS: 2008, p. 51).

Segundo Dias (2008: 18), a linguagem jornalística é “muito mais receptiva” a transformações linguísticas. Isso porque a aproximação entre a

linguagem dos jornais e a interação falada favoreceria o “envolvimento do jornalista com o leitor, num suposto diálogo que lembra muito a narrativa oral” (Dias: *ibid*, p. 19), maximizando a expressividade da representação em nível linguístico de grandes temas da sociedade brasileira, como o futebol.

Tanto o fato relatado, objeto das notícias dos jornais, quanto as crônicas do cotidiano dependeriam, portanto, do “potencial diegético” de um evento observado em um pelo jornalista e em outro pelo cronista, bem como da encenação discursiva operada pelo sujeito que o relata, e, ao mesmo tempo, constrói uma “diegese narrativa”, sendo que tal diegese visa a “construir uma história segundo um esquema narrativo intencional, no qual se poderá identificar os projetos de busca dos atores e as conseqüências de suas ações”. (CHARAUDEAU: 2006, p. 153). Em outras palavras, ao se relatar um fato, constrói-se não só uma narrativa, mas também um narrador e, principalmente, um ponto de vista. Essa construção pode ser feita em uma temporalidade presente (que intenta acompanhar o tempo real) ou pode reconstituir essa temporalidade depois de o fato ter ocorrido.

Ainda conforme Charaudeau (2006), ao descrever um fato, a mídia visa à *verossimilhança*, que pode ser obtida por meio de três procedimentos: a *designação identificadora* (exibição de provas de que o fato ocorreu); a *analogia* (reconstituição o mais realista possível do fato) e a *visualização* (fazer ver o que não está visível ou fazer ouvir o que não se ouve geralmente), sendo a última a que configura o objetivo maior do cronista.

Em resumo, nenhuma narrativa é desprovida de lógica interna, sendo que essa lógica é diretamente dependente da intencionalidade do sujeito-relator. Subjacente a tal perspectiva está a noção de discurso como construção, que desmistifica a visão de verdade absoluta e de imparcialidade que paira sobre os atos enunciativos realizados por instâncias midiáticas quaisquer, sendo a consciência dessa situação essencial no desenvolvimento da leitura crítica de textos em geral.

Não obstante, o jornalista fundamenta suas escolhas quando da construção de um texto não apenas nas restrições do suporte e do dispositivo escolhidos, como também em sua intencionalidade. No caso do jornalismo esportivo a escolha de determinadas manifestações linguísticas a serem

representadas depende muito mais dos efeitos expressivos almejados do que da ideologia do suporte.

Diante do exposto, passemos ao estudo dos elementos que compõem essa linguagem despojada e coloquial que parece ser uma das essências do jornalismo esportivo moderno, bem como os efeitos de sentido que por meio dela podem ser obtidos.

Definidos os fundamentos teóricos do presente estudo, passemos às características do discurso que compõe nosso objeto de análise: o discurso jornalístico-esportivo em tempos de Copa do Mundo.

Capítulo II – Análise do corpus

2. 1. Apresentação do corpus

O *corpus* de análise desta pesquisa compõe-se de manchetes e linhas finas publicadas no caderno de esportes do jornal *Diário de S. Paulo* e no jornal português *A bola*, durante o período de 11 de junho de 2010 a 12 de julho do mesmo ano, um dia depois da final entre Espanha e Holanda.

Conforme informações disponíveis no blog da Editora Abril, o *Diário de S. Paulo* iniciou sua história secular em 1884, tendo nos últimos dez anos passado por diversas mudanças. Após uma queda acentuada de circulação, o Grupo Traffic assumiu o comando do título em dezembro do ano passado.

No intuito de “resgatar a relevância do veículo junto aos leitores”, o grupo lançou um projeto editorial gráfico em julho do ano passado, descrito por Flávio Pestana, seu diretor geral como segue:

O jornal viveu uma fase problemática. Perdeu identidade, leitores e relevância no mercado, e isso começou a impactar o desempenho publicitário. Quando compramos, tínhamos claro esse cenário - acho até que foi por isso que o negócio foi concretizado. Depois de tantas idas e vindas, não poderíamos fazer uma mudança cosmética. Iniciamos um projeto com calma, pé no chão e critério.¹

Atualmente, o periódico possui o formato tablóide, com 64 páginas coloridas e com as seguintes macro-editorias: Dia a Dia, que contém as seguintes subdivisões - Economia, Brasil, Internacional, Policial, Cotidiano e Cidades; Viva, que traz informações de cultura, lazer, entretenimento, saúde e educação; e Esportes, que é o foco deste trabalho.

¹ Disponível em <<http://blogs.abril.com.br/blogdojj/2010/07/diario-s-paulo-se-reformula-reposiciona-como-um-jornal-futuro.html#>> Data de consulta: 13/02/11.

Dia a Dia
Viva
Esportes
Opinião
Bairro a Bairro
Suplementos
Diversão
Eu no Diário
Últimas Notícias

Fonte: *Diário de S. Paulo online.* ²

Ainda conforme informações obtidas através do blog da Editora Abril, a circulação média do diário foi de 42.435 exemplares por mês entre janeiro e maio do ano passado:

Circulação Média Mensal do Diário de S. Paulo nos anos 2000	
2000*	139.421
2001	129.080
2002	99.644
2003	81.143
2004	78.918
2005	72.782
2006	65.323
2007	72.481
2008	70.009
2009	57.010
2010**	42.435

Fonte: Posição, Participação e Evolução das Publicações - Instituto Verificador de Circulação (IVC)* com o nome Diário Popular** entre janeiro e maio. ³

² Disponível em <<http://blogs.abril.com.br/blogdoji/2010/07/diario-s-paulo-se-reformula-reposiciona-como-um-jornal-futuro.html#>> Data de consulta: 13/02/11.

O jornal *A bola* é um periódico esportivo português que dedica atenção especial ao futebol, principalmente em âmbito nacional. Sua primeira edição foi lançada em 1945 e, desde então, segundo o diretor, Vítor Serpa, vem desempenhando um "papel fundamental" no desenvolvimento do futebol em Portugal.

*"A Bola" mantém como projecto ideal, leve o tempo que levar, criar condições para que o jornal tenha várias edições em vários sítios do mundo onde se fale português e onde as comunidades portuguesas são mais importantes.*⁴

Para o diretor do jornal, quando o periódico foi lançado, o futebol ainda dava seus primeiros passos rumo ao profissionalismo em Portugal. Por isso, “mais do que um jornal de informação, *A Bola* era, nessa altura, um jornal de promoção e desenvolvimento do desporto, especialmente do futebol”.⁵

Seu crescimento ocorreria apenas em 1960, com o terceiro lugar de Portugal no campeonato mundial de 1966, pois foi nessa época que ele começou a se relacionar com o francês *L'Équipe*, o espanhol *Marca* e o italiano *La Gazzetta dello Sport*, passando a ser considerado um dos quatro grandes jornais esportivos no cenário europeu.

Publicado diariamente desde 1990, o objetivo do jornal é ter edições em todo o mundo português e ele já chegou às bancas angolanas. Atualmente, *A Bola* é líder na Internet e sua versão impressa subiu cerca de dez por cento em 2009.

A fim de facilitar a organização deste trabalho, todos os registros de metáforas e modalizadores encontrados no *corpus* foram transcritos e se localizam nos Anexos I e II, ao final desta monografia, sendo doravante identificados por meio das iniciais que compõem o nome do periódico em que foram publicados e uma numeração.

³ Disponível em <<http://blogs.abril.com.br/blogdoji/2010/07/diario-s-paulo-se-reformula-reposiciona-como-um-jornal-futuro.html#>> Data de consulta: 13/02/11.

⁴ Disponível em <<http://aeiou.expresso.pt/jornal-a-bola-comemora-65-anos=f560424>> Data de consulta: 13/02/11.

⁵ *Idem*.

2. 2. Critérios escolhidos

Para esta pesquisa, optou-se por uma metodologia de análise de corpus que envolve as teorias a respeito da retórica, da linguística textual e do jornalismo. Os critérios escolhidos foram a observação da linguagem de manchetes e linhas finas justamente por serem esses gêneros os responsáveis por obter a adesão dos leitores, impactando-os com sua linguagem e despertando o seu interesse na leitura dos textos de um jornal.

Outro motivo que propiciou a escolha desses dois gêneros do jornalismo foi o fato de que, devido à sua concisão forçada pelo espaço disponível no jornal e por sua função apelativa, as manchetes e as linhas finas poderiam recorrer a uma linguagem metafórica com mais frequência, posto que esse tipo de recurso se aplica muito bem a pequenos espaços.

2. 3. A metáfora

Quando se pensa em metáfora, pensa-se logo em literatura, talvez pelo subjetivismo que esse recurso implicaria a produção textual. Como recurso estilístico, a metáfora é responsável por imprimir um tom poético ao texto, conforme afirma Moisés (19xx: 41):

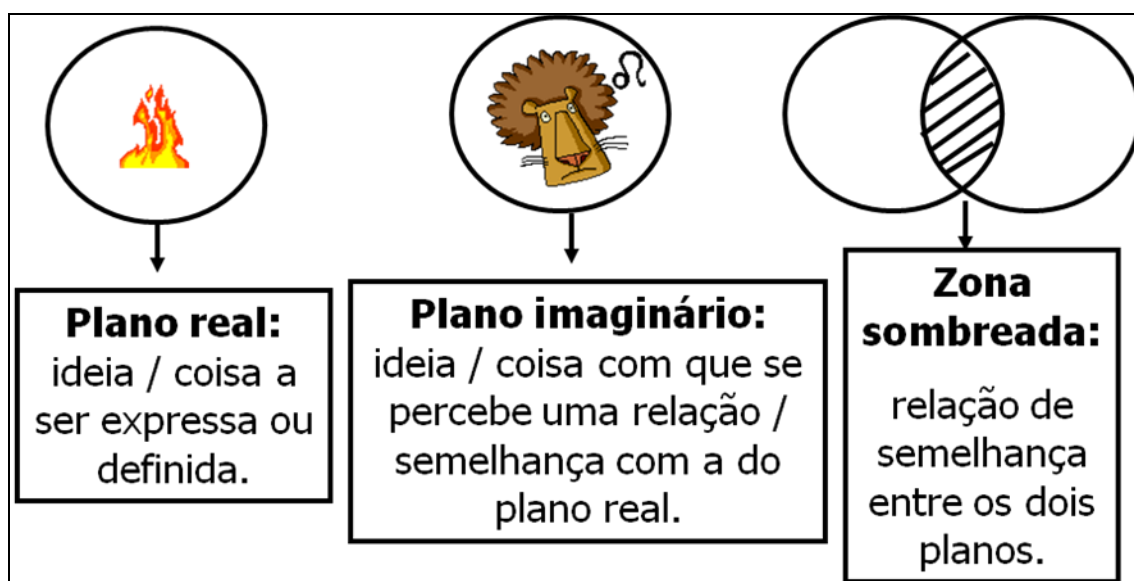
(...) a poesia se identifica como a expressão do 'eu' por meio de linguagem conotativa ou de metáforas polivalentes (...) Tais metáforas, dada sua múltipla valência, constituem-se de três camadas (a emocional, a sentimental e a conceptual, não superpostas mas imbricadas ou inter-relacionadas), e formam verdadeiros sistemas dentro da galáxia em que se estrutura o poema. Assim, cada metáfora seria como que o sol de um microscópico sistema planetário, ou, por outra, um astro em torno do qual circulariam alguns satélites.

Para Abreu (2006), o termo metáfora é oriundo do grego *metaphorá* que significa 'transporte'. Nesse sentido, ela seria uma figura de palavra que se baseia no transporte do sentido próprio para o sentido figurado e se constitui em uma "comparação abreviada" (*ibid*: 112).

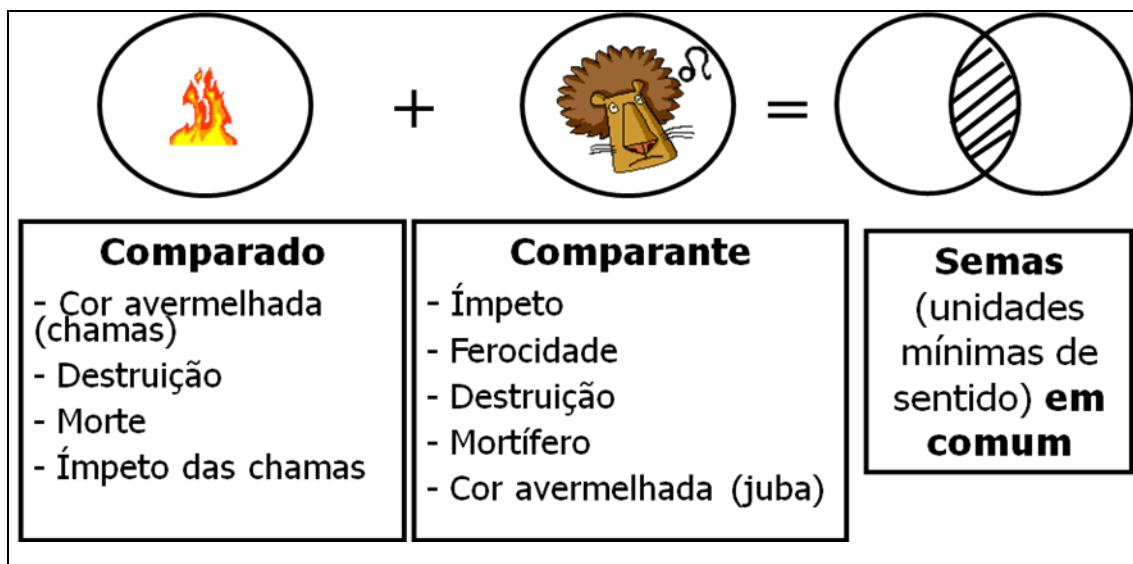
Segundo uma perspectiva retórica tradicional, a metáfora é a capacidade de perceber semelhanças, tanto que Aristóteles a considerava um desvio do uso convencional das palavras. Disso decorreria a definição proposta em algumas gramáticas normativas, como a de Rocha Lima (1989:462), para quem a metáfora assenta-se em uma “relação de similaridade, encontrando seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: a associação de idéias”.

Para que se entenda a metáfora, Garcia (2006) apresenta um bom exemplo a partir de um verso de Castro Alves: *“Incêndio – leão ruivo, ensanguentado.”*

O referido autor, então, propõe o seguinte esquema didático para explicar as operações mentais efetuadas quando do uso de uma linguagem metafórica:



Assim sendo, o entendimento do domínio “incêndio” é proporcionado em termos de outro domínio, o do “leão ensanguentado”, e esse entendimento só ocorre se o interlocutor detiver o conhecimento da correspondência entre esses dois domínios conceituais:



Portanto, o processo metafórico seria um processo de analogia no qual um elemento é comparado a um elemento, denominado comparante, sendo isso possível se esses elementos possuírem semas análogos.

Conotação implica, portanto, em relação à coisa designada, um estado de espírito, um julgamento, um certo grau de afetividade, que variam conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor. Conotação é, assim, uma espécie de emanção semântica, possível graças à faculdade de associação de idéias inerente ao espírito humano, faculdade que nos permite relacionar coisas análogas ou assemelhadas. Esse é, em essência, o traço característico do processo metafórico, pois toda conotação é metaforização (Garcia: 2006, p. 180).

Por consoante, pode-se dizer que quando uma palavra é tomada no seu sentido usual, não metafórico, ela significaria o mesmo para qualquer interlocutor, desde que compartilhe do mesmo código utilizado na comunidade sócio-lingüística em que o discurso foi produzido. Disso decorre o fato de tal sentido ser chamado de denotativo ou referencial, posto que se refere a um objeto do mundo extralingüístico.

A palavra assim empregada é entendida independentemente de interpretações individuais, interpretações de natureza afetiva ou emocional, o seu significado não resulta de associações, não está

condicionado à experiência ou às vivências do receptor (leitor, ouvinte). O seu sentido é, digamos assim, “pão, pão, queijo, queijo”. (Garcia: 2006, p. 179).

Se isso é verdade, então, por conseguinte, quando uma palavra é tomada em um sentido metafórico, ela não significaria o mesmo para interlocutores diferentes pois evocaria “*por associação, outra(s) idéia(s) de ordem abstrata, de natureza afetiva ou emocional, então se diz que seu valor, i.e., seu sentido, é conotativo ou afetivo*” (Garcia: 2006, p. 179).

Daí Abreu (2006: 123-4) afirmar que, mais do que um recurso estilístico, a metáfora é um recurso pertinente ao âmbito da argumentação, uma vez que a comparação, seu cerne, depende primordialmente da intencionalidade do autor do discurso:

Podemos escolher a metáfora de acordo com a orientação que queremos imprimir à nossa argumentação, uma vez que o domínio de onde a tiramos compõe uma espécie de ‘célula cognitiva’ que chamamos FRAME. Quando falamos de jogo, por exemplo, podemos imaginar: a) regras que devem ser seguidas; b) alguém que ganha e alguém que perde; c) sorte ou azar; d) possibilidade de haver um juiz etc. Trata-se do frame do jogo.

Segundo a perspectiva de Abreu (2006), adotada nesta pesquisa, a metáfora se classifica em cinco categorias. São elas: de restauração, de percurso, de unificação, criativa e natural.

As metáforas de restauração partem do princípio de que algo foi avariado e precisa ser reparado e se subdividem em médicas, aquelas em que a sociedade é comparada ao corpo humano; de roubo, aquelas em que é sugerido que algo nos foi tirado e é preciso reparação; de conserto, as que sugerem que algo se estragou e precisa ser consertado; e de limpeza, metáforas que sugerem que algo se sujou e precisa ser limpo.

No que diz respeito às metáforas de percurso, estas consistem em associações da resolução de problemas com a imagem de uma jornada e se subdividem nas seguintes subcategorias: em terra, nas quais se costuma falar em estradas, encruzilhadas, caminhos tortuosos etc.; no mar, em que se

sugere um naufrágio para o qual há apenas as opções de se salvar ou de morrer; de cativo, metáforas em que se menciona alguém que é escravo de um vício, de algo qualquer; e no ar (no espaço aéreo ou sideral), metáforas em que se costuma falar em aviões, turbulências, etc.

Quanto às metáforas de unificação, elas associam a resolução de problemas ao domínio da união e se subdividem em: metáforas de parentesco, usam imagens da família e seus membros; pastorais, metáforas ligadas ao sentido de conduzir, guiar pessoas; e esportivas, metáforas que fazem associações com um esporte. No caso do Brasil, em geral, prefere-se imagens do domínio “futebol”.

As criativas são as metáforas que se referem ao domínio do criar e se dividem nas categorias: de construção, aquelas que comparam ações humanas à construção de edifícios, veículos, etc.; de tecelagem, as que consideram a sociedade como um tecido que pode ser construído ou corrompido; de composição musical, metáforas que utilizam tanto conceitos musicais quanto instrumentos ou orquestra; e de lavrador, aquelas que utilizam imagens ligadas ao preparo da terra, ao plantio e à colheita.

Por fim, as metáforas naturais são aquelas que fazem associações referentes ao domínio da “natureza”. São subdividas em: metáforas de claro-escuro, que sugerem imagens do dia em contraste com a noite; de fenômenos naturais, aquelas que utilizam imagens de fenômenos naturais em contraste, como tempestade e bonança; e biológicas, que representam seres humanos como animais, acentuando suas virtudes ou defeitos.

Será que se pode dizer, então, que a linguagem do jornalismo esportivo dos jornais sob análise seria tão argumentativa quanto à utilizada em outras vertentes do jornalismo? Seriam ambos os jornais aqui analisados semelhantes nesse aspecto? Ou haveria diferenças entre eles causadas por diferenças sócio-culturais? A fim de responder a essas perguntas, passemos à análise dos registros identificados no *corpus*.

Após a leitura dos jornais, foram registrados 114 exemplos de metáforas em manchetes e linhas finas no *Diário de S. Paulo*:

- (I) O bingo do Américo (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 02)
- (II) A vingança de Dunga (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 03)

- (III) Bomba relógio (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 04)
- (IV) Trenzinho surpresa (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 09)
- (V) Estreia com show de Messi (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 12-3)
- (VI) Frango ao molho inglês (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 14)
- (VII) Meninos mimados (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 16)
- (VIII) Gato escaldado (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 03)
- (IX) Lavagem cerebral (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 04-5)
- (X) Delegado no ataque (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 07)
- (XI) Sete rivais na briga (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 09)
- (XII) Maicon contra jejum (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 09)
- (XIII) Apareceu o bicho-papão (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 12-3)
- (XIV) Presos por fidelidade (DSP – Caderno #copa de 15/06/2010 – p. 09)
- (XV) Laranja pega no tranco (DSP – Caderno #copa de 15/06/2010 – p. 15)
- (XVI) Na África, futebol é língua universal (DSP – Caderno #copa de 15/06/2010 – p. 17)
- (XVII) Com a cara de Dunga (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 01)
- (XVIII) Estreia gelada (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 02)
- (XIX) Maicon encerra jejum de laterais-direitos e presta homenagem à sua mãe e à mulher (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 06)
- (XX) Sabor de vitória (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 08)
- (XXI) Conto de fadas (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 10)
- (XXII) Habituaado ao papel de patinho feio da seleção brasileira, Elano entra para a história das Copas com o seu gol (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 10)
- (XXIII) Os gols que salvaram a seleção (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 14)
- (XXIV) Sustos diante dos coreanos vai render bronca e lavagem de roupa suja hoje (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 14)
- (XXV) Afogando as mágoas (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 16)
- (XXVI) Artilheiros emperrados (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 04)
- (XXVII) O contragolpe é nosso (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 08)
- (XXVIII) Adversário peso pesado (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 12-3)
- (XXIX) Fúria domada (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 14)
- (XXX) Chile termina com jejum (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 15)
- (XXXI) A casa caiu (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 16)
- (XXXII) Fé no herdeiro (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 17)
- (XXXIII) Bicho histórico (DSP – Caderno #copa de 18/06/2010 – p. 03)
- (XXXIV) Pássaros sem asas (DSP – Caderno #copa de 18/06/2010 – p. 03)
- (XXXV) O show deve continuar (DSP – Caderno #copa de 18/06/2010 – p. 14)
- (XXXVI) Ciscando a tragédia (DSP – Caderno #copa de 18/06/2010 – p. 15)
- (XXXVII) Pimenta na baguete (DSP – Caderno #copa de 18/06/2010 – p. 18)

- (XXXVIII) Palco desconhecido (*DSP – Caderno #copa de 19/06/2010 – p. 05*)
- (XXXIX) Inimigos íntimos (*DSP – Caderno #copa de 19/06/2010 – p. 06*)
- (XL) Reis da África (*DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 02*)
- (XLI) Jogo de compadre (*DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 11*)
- (XLII) Laranja diet (*DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 14*)
- (XLIII) Atuação de gala e vaga garantida (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 02*)
- (XLIV) Defensor do futebol-arte (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 07*)
- (XLV) Invasão brasileira (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 12*)
- (XLVI) Em defesa da honra (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 19*)
- (XLVII) Com uma força extra (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 19*)
- (XLVIII) Desandou a massa (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 20*)
- (XLIX) Revolução francesa (*DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 23*)
- (L) Elano, o patinho feio (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 02*)
- (LI) As mulheres que domaram o fabuloso (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 04*)
- (LII) Rei das suspensões (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 05*)
- (LIII) De um casca grossa para outro (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 08*)
- (LIV) Bacalhau atômico (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 12*)
- (LV) Desprezo do carrasco (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 14*)
- (LVI) Cacau para a guerra (*DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 18*)
- (LVII) Números encorpados (*DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 04*)
- (LVIII) Estado de atenção (*DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 06*)
- (LIX) Não quero guerra com o Dunga (*DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 07*)
- (LX) Amistoso de luxo (*DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 15*)
- (LXI) Clima de mata-mata (*DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 15*)
- (LXII) Acerto de contas (*DSP – Caderno #copa de 25/06/2010 – p. 01*)
- (LXIII) Dá para bater Portugal até sem Kaká (*DSP – Caderno #copa de 25/06/2010 – p. 02*)
- (LXIV) Brasileiros e lusos fazem o terceiro confronto em português na história das Copas (*DSP – Caderno #copa de 25/06/2010 – p. 08*)
- (LXV) É matar ou morrer (*DSP – Caderno #copa de 25/06/2010 – p. 14*)
- (LXVI) Costas quentes (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 06*)
- (LXVII) Plantão médico (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 07*)
- (LXVIII) Piada de português (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 08*)
- (LXIX) Guerra com os patrícios (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 10*)
- (LXX) Confronto em Lisboa (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 10*)
- (LXXI) A teoria da evolução (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 14*)
- (LXXII) Mamão com açúcar (*DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 16*)

- (LXXIII) Luís Fabiano pede que Brasil reinvente seu jeito de jogar para fugir da marcação rival no mata-mata da Copa (*DSP – Caderno #copa de 27/06/2010 – p. 06*)
- (LXXIV) O despertar de um gigante (*DSP – Caderno #copa de 27/06/2010 – p. 12*)
- (LXXV) Jogo de espiões (*DSP – Caderno #copa de 28/06/2010 – p. 04*)
- (LXXVI) Tanques de guerra (*DSP – Caderno #copa de 28/06/2010 – p. 13*)
- (LXXVII) Massacre! (*DSP – Caderno #copa de 28/06/2010 – p. 15*)
- (LXXVIII) Holanda tem casca grossa (*DSP – Caderno #copa de 29/06/2010 – p. 02*)
- (LXXIX) Vamos chupar laranja (*DSP – Caderno #copa de 29/06/2010 – p. 03*)
- (LXXX) Um herói discreto (*DSP – Caderno #copa de 29/06/2010 – p. 04*)
- (LXXXI) Laranja vitaminada (*DSP – Caderno #copa de 29/06/2010 – p. 17*)
- (LXXXII) Vizinhos em guerra (*DSP – Caderno #copa de 29/06/2010 – p. 19*)
- (LXXXIII) Primeiro gol é o alvo (*DSP – Caderno #copa de 30/06/2010 – p. 03*)
- (LXXXIV) Porteira aberta (*DSP – Caderno #copa de 30/06/2010 – p. 05*)
- (LXXXV) O informante (*DSP – Caderno #copa de 30/06/2010 – p. 08*)
- (LXXXVI) A hora da revanche (*DSP – Caderno #copa de 30/06/2010 – p. 08*)
- (LXXXVII) Paredão holandês (*DSP – Caderno #copa de 30/06/2010 – p. 10*)
- (LXXXVIII) Fifa manda ‘cegos’ embora (*DSP – Caderno #copa de 30/06/2010 – p. 18*)
- (LXXXIX) Amigo da onça (*DSP – Caderno #copa de 1º/07/2010 – p. 08*)
- (XC) Carne de pescoço (*DSP – Caderno #copa de 1º/07/2010 – p. 15*)
- (XCI) Metralhadora do Rei (*DSP – Caderno #copa de 1º/07/2010 – p. 16*)
- (XCII) Duelo de invictos (*DSP – Caderno #copa de 02/07/2010 – p. 06*)
- (XCIII) Elefante branco (*DSP – Caderno #copa de 02/07/2010 – p. 11*)
- (XCIV) Resgate da tradição (*DSP – Caderno #copa de 02/07/2010 – p. 15*)
- (XCV) Provocando a fera (*DSP – Caderno #copa de 02/07/2010 – p. 16*)
- (XCVI) Brasil vira abóbora (*DSP – Caderno #copa de 03/07/2010 – p. 03*)
- (XCVII) Festa da laranja (*DSP – Caderno #copa de 03/07/2010 – p. 16*)
- (XCVIII) Argentino promete vingança (*DSP – Caderno #copa de 03/07/2010 – p. 16*)
- (XCIX) Balcão de negócios (*DSP – Caderno #copa de 04/07/2010 – p. 04-5*)
- (C) Último tango na África (*DSP – Caderno #copa de 04/07/2010 – p. 10*)
- (CI) Carrasco ameaçado (*DSP – Caderno #copa de 04/07/2010 – p. 13*)
- (CII) Pela honra da América (*DSP – Caderno #copa de 06/07/2010 – p. 05*)
- (CIII) Essa laranja tá feia (*DSP – Caderno #copa de 06/07/2010 – p. 07*)
- (CIV) Os grandes maestros (*DSP – Caderno #copa de 06/07/2010 – p. 10-1*)
- (CV) O alemão Schweinsteiger, apontado por Beckenbauer como o craque da Copa, trava um duelo com o espanhol Xavi para ver qual estilo de jogo se sobressairá (*DSP – Caderno #copa de 06/07/2010 – p. 10-1*)
- (CVI) Rivals às avessas (*DSP – Caderno #copa de 07/07/2010 – p. 03*)
- (CVII) Laranja na taça (*DSP – Caderno #copa de 07/07/2010 – p. 08*)
- (CVIII) Um nocaute do cinturão (*DSP – Caderno #copa de 08/07/2010 – p. 08*)

- (CIX) O vilão da bolsa (*DSP – Caderno #copa de 09/07/2010 – p. 06*)
- (CX) Tarzan espanhol (*DSP – Caderno #copa de 09/07/2010 – p. 08*)
- (CXI) O adeus do herói (*DSP – Caderno #copa de 10/07/2010 – p. 04*)
- (CXII) Guerra animal (*DSP – Caderno #copa de 10/07/2010 – p. 05*)
- (CXIII) Chega de morrer na praia (*DSP – Caderno #copa de 11/07/2010 – p. 02*)
- (CXIV) Farinha do mesmo saco (*DSP – Caderno #copa de 11/07/2010 – p. 05*)

Dentre as ocorrências registradas, percebe-se uma preferência pelo uso de metáforas em manchetes talvez devido à sua concisão e seu potencial imagético, visto que o gênero manchete desempenha um papel de chamariz para a leitura do texto, seja notícia ou artigo, de jornal. Essa discrepância entre o uso de metáforas em manchetes e em linhas finas pode corroborar a asserção de que a linha fina, diferentemente da manchete, teria uma função muito mais próxima do eixo referencial, característico de diversos gêneros jornalísticos, como a notícia, do que do eixo conotativo, característico da linguagem metafórica.

Já no jornal português *A bola*, foram registrados 89 exemplos de metáforas em manchetes e linhas finas:

- (CXV) ‘Vampiros’ atacam cedo (*AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 14*)
- (CXVI) Gilberto Silva ‘bateu’ Pelé (*AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 15*)
- (CXVII) Os elefantes já chegaram (*AB – Caderno Mundial 2010 de 11/06/2010 – p. 12*)
- (CXVIII) Jogadores querem vingança (*AB – Caderno Mundial 2010 de 11/06/2010 – p. 13*)
- (CXIX) E Domenech foi aos arames! (*AB – Caderno Mundial 2010 de 11/06/2010 – p. 14*)
- (CXX) Batam à vontade (*AB – Caderno Mundial 2010 de 11/06/2010 – p. 20*)
- (CXXI) Futebol é a alegria do povo (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 05*)
- (CXXII) Brasileiro não mata ‘borrego’ (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 07*)
- (CXXIII) Pauleta voa para os braços da Seleção (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 14*)
- (CXXIV) O avião a jacto de Luís Fabiano (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 16*)
- (CXXV) John Travolta em África para apoiar os cangurus O avião a jacto de Luís Fabiano (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 22*)

- (CXXVI) Maradona contra os fantasmas (AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 25)
- (CXXVII) Tragédia grega em Mundiais (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 16)
- (CXXVIII) Exterminar os ‘soccerroos’ (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 18)
- (CXXIX) A arma da linguagem gestual (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 18)
- (CXXX) Um gigante contra os ‘benjamins’ (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 23)
- (CXXXI) Cidade de vento e de mar espera pela nossa selecção (AB – Caderno Mundial 2010 de 14/06/2010 – p. 05)
- (CXXXII) Espião de Queiroz dá a tática (AB – Caderno Mundial 2010 de 14/06/2010 – p. 13)
- (CXXXIII) Frango no banquete esloveno (AB – Caderno Mundial 2010 de 14/06/2010 – p. 17)
- (CXXXIV) Navegadores à descoberta da África Mundial (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 01)
- (CXXXV) Heróis do mar (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 01)
- (CXXXVI) A ‘laranja’ entrou no Mundial a vencer e já não perde há... 20 jogos seguidos (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 16)
- (CXXXVII) Muito sumo para saborear (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 16)
- (CXXXVIII) As armas e os barões assinalados (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 20)
- (CXXXIX) A vingança de ‘El Pibe’ (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 20)
- (CXL) Navegadores ainda não encontraram rumo (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 01)
- (CXLI) Encalhados (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 01)
- (CXLII) (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 01) (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 01)
- (CXLIII) Nem sinal de terra à vista! (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 02)
Encalhamos logo no primeiro jogo. Agora, vamos lá safar a caravela e navegar... melhor (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 02)
- (CXLIV) Portugal sem bilhete para entrar no autocarro laranja (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 04)
- (CXLV) Deco ainda não tinha chegado ao fim da linha quando foi substituído (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 05)
- (CXLVI) Portugal esteve quase a voar na ponta da bota direita de CR7 (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 06)
- (CXLVII) Uma fúria contra a história (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 24)
- (CXLVIII) Leão em força (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 01)

- (CXLIX) A grande muralha norte-coreana (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 11)
- (CL) No Brasil de todas as luzes há três estrelas apagadas (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 12)
- (CLI) Por vezes até um rei cai do próprio trono (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 14)
- (CLII) Fim de jejum de 48 anos (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 15)
- (CLIII) Invasão das ‘docas’ do Cabo (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 19)
- (CLIV) Equipa recebeu força... da cultura (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 21)
- (CLV) Guerra de cervejas (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 21)
- (CLVI) Estrela da companhia portuguesa irradiou alegria no treino de ontem (AB – Caderno Mundial 2010 de 18/06/2010 – p. 09)
- (CLVII) O duelo dos confiantes (AB – Caderno Mundial 2010 de 18/06/2010 – p. 17)
- (CLVIII) Máquina alemã colocada à prova (AB – Caderno Mundial 2010 de 18/06/2010 – p. 27)
- (CLIX) Deserções foram falso alarme (AB – Caderno Mundial 2010 de 19/06/2010 – p. 11)
- (CLX) Há novos heróis no Mundial (AB – Caderno Mundial 2010 de 19/06/2010 – p. 15)
- (CLXI) À conquista dos primeiros pontos (AB – Caderno Mundial 2010 de 19/06/2010 – p. 25)
- (CLXII) Invasão portuguesa (AB – Caderno Mundial 2010 de 20/06/2010 – p. 06)
- (CLXIII) Incrível ‘gorila’ já parou Hulk (AB – Caderno Mundial 2010 de 20/06/2010 – p. 19)
- (CLXIV) Procura-se ‘matador’ em jogo sem desculpa (AB – Caderno Mundial 2010 de 20/06/2010 – p. 18)
- (CLXV) Tudo vai mal no reino de Capello (AB – Caderno Mundial 2010 de 20/06/2010 – p. 22)
- (CLXVI) Adamastor somos nós! (AB – Caderno Mundial 2010 de 22/06/2010 – p. 02)
- (CLXVII) Sete golos à Coreia do Norte colocaram os Navegadores na lista dos mais temidos (AB – Caderno Mundial 2010 de 22/06/2010 – p. 02)
- (CLXVIII) Grande epopeia portuguesa na cidade da boa esperança (AB – Caderno Mundial 2010 de 22/06/2010 – p. 04)
- (CLXIX) A revolução segundo Queiroz ou como acertar no... euromilhões (AB – Caderno Mundial 2010 de 22/06/2010 – p. 05)
- (CLXX) Com Tiago ao leme, caravela dos Navegadores de vento em popa (AB – Caderno Mundial 2010 de 22/06/2010 – p. 06)

- (CLXXI) Os carrascos do Brasil em 66 (AB – Caderno Mundial 2010 de 24/06/2010 – p. 06)
- (CLXXII) Gana iguala Nigéria e salva face de África (AB – Caderno Mundial 2010 de 24/06/2010 – p. 13)
- (CLXXIII) Histórico confronto de irmãos (AB – Caderno Mundial 2010 de 24/06/2010 – p. 16)
- (CLXXIV) Tormenta de Robben termina hoje no Cabo (AB – Caderno Mundial 2010 de 24/06/2010 – p. 18)
- (CLXXV) Nos últimos quatro duelos Portugal só perdeu um (AB – Caderno Mundial 2010 de 25/06/2010 – p. 07)
- (CLXXVI) Júlio Baptista rende Kaká (AB – Caderno Mundial 2010 de 25/06/2010 – p. 15)
- (CLXXVII) Duelo 'Jangada de Pedra' é homenagem a Saramago (AB – Caderno Mundial 2010 de 26/06/2010 – p. 02)
- (CLXXVIII) Aos Navegadores pede-se que dobrem o cabo pela segunda vez. Jogo na metade portuguesa do Tratado de Tordesilhas (AB – Caderno Mundial 2010 de 26/06/2010 – p. 02)
- (CLXXIX) Fábio aprende rápido e é a nova estrela da esquerda portuguesa (AB – Caderno Mundial 2010 de 26/06/2010 – p. 06)
- (CLXXX) Mar tenso na Caparica, caos no rio (AB – Caderno Mundial 2010 de 26/06/2010 – p. 18)
- (CLXXXI) O milagre de Robben (AB – Caderno Mundial 2010 de 27/06/2010 – p. 19)
- (CLXXXII) Temos um título a defender (AB – Caderno Mundial 2010 de 28/06/2010 – p. 01)
- (CLXXXIII) Duelo entre técnicos 'galácticos' (AB – Caderno Mundial 2010 de 28/06/2010 – p. 17)
- (CLXXXIV) Suarez é o novo herói (AB – Caderno Mundial 2010 de 28/06/2010 – p. 21)
- (CLXXXV) Navegadores em duelo ibérico (AB – Caderno Mundial 2010 de 29/06/2010 – p. 01)
- (CLXXXVI) Oito cavaleiros estão certos e seis outros são candidatos (AB – Caderno Mundial 2010 de 29/06/2010 – p. 03)
- (CLXXXVII) Laranjas com pouco sumo mas muita vitamina... R (AB – Caderno Mundial 2010 de 29/06/2010 – p. 14)
- (CLXXXVIII) Viessem os deuses ajudar a dobrar de novo o cabo... (AB – Caderno Mundial 2010 de 30/06/2010 – p. 04)
- (CLXXXIX) A dupla habitual de veludo e a arte mortífera de Villa (AB – Caderno Mundial 2010 de 30/06/2010 – p. 09)
- (CXC) Navegadores dão à costa e apontam já a 2012 (AB – Caderno Mundial 2010 de 2/07/2010 – p. 02)
- (CXCI) Heróis e vilões (AB – Caderno Mundial 2010 de 03/07/2010 – p. 13)

- (CXCII) Uma 'zebra' escondida tirou o hexa ao Brasil (AB – Caderno Mundial 2010 de 03/07/2010 – p. 14)
- (CXCIII) Passou um tanque alemão pelos pezinhos de cristal (AB – Caderno Mundial 2010 de 04/07/2010 – p. 13)
- (CXCIV) Que máquina tão demolidora! (AB – Caderno Mundial 2010 de 04/07/2010 – p. 15)
- (CXCV) Alemanha sem estrelas ainda pode brilhar mais! (AB – Caderno Mundial 2010 de 05/07/2010 – p. 14)
- (CXCVI) O inesperado regresso da laranja mecânica (AB – Caderno Mundial 2010 de 06/07/2010 – p. 18)
- (CXCVII) Onde estão as estrelas no céu? (AB – Caderno Mundial 2010 de 06/07/2010 – p. 26)
- (CXCVIII) Laranja amarga e doce chega à final africana (AB – Caderno Mundial 2010 de 07/07/2010 – p. 15)
- (CXCIX) Alemanha volta ao seu 'habitat' (AB – Caderno Mundial 2010 de 07/07/2010 – p. 23)
- (CC) O que eles andaram para aqui chegar (AB – Caderno Mundial 2010 de 09/07/2010 – p. 12)
- (CCI) O pote africano na história do futebol (AB – Caderno Mundial 2010 de 09/07/2010 – p. 15)
- (CCII) 'Conquistadores' (AB – Caderno Mundial 2010 de 09/07/2010 – p. 19)
- (CCIII) Os senhores do mundo (AB – Caderno Mundial 2010 de 12/07/2010 – p. 01)
- (CCIV) A noite da laranja azeda (AB – Caderno Mundial 2010 de 12/07/2010 – p. 06)

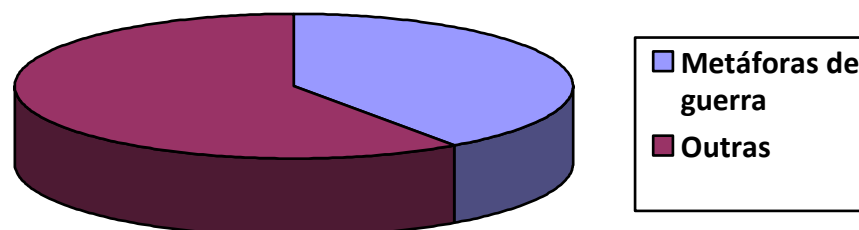
Pode-se perceber que as metáforas encontradas são utilizadas a fim de conceituar determinados elementos do meio esportivo, como os times, como “a laranja mecânica” (Holanda), os jogadores, como “navegadores”, “matadores” ou “conquistadores”, os jogos, como “a noite da laranja azeda” e até os estádios, como o “pote africano”. Tal situação por si só já implicaria em um discurso tendencioso, uma vez que a própria seleção dessas metáforas estabeleceria a postura dos jornais com relação ao que noticiam. Isso porque nenhuma escolha é desinteressada, mas reveladora da posição que o enunciatório assume quanto ao que relata.

Por meio da comparação das ocorrências de metáforas nesses jornais, chega-se à conclusão de que há uma preferência no jornalismo esportivo brasileiro do *Diário de S. Paulo* por metáforas relacionadas ao campo semântico da guerra e essa preferência também está presente no jornalismo de *A bola*. Embora esta pesquisa tenha um escopo um tanto limitado, visto que

se restringe a dois cadernos esportivos, um estudo mais abrangente poderia comprovar se tal situação pode ser estendida ao jornalismo esportivo luso-brasileiro em geral.

Apesar disso, com base nos dados coletados é possível sim propormos que, conforme a tipologia apresentada por Abreu (2010), as metáforas envolvendo o futebol no *DSP* integrariam a categoria das metáforas de restauração, uma vez que partiriam do princípio de que algo, seja a honra, seja o território, seja o título do campeonato, teria sido avariado ou estaria ameaçado, devendo, portanto, ser restabelecido ou conquistado. Entretanto, a honra das nações envolvidas na Copa do Mundo de 2010 não é representada como um elemento de fácil recuperação. Para essa honra ser mantida ou reconquistada, é a força de cada seleção o que importa. Daí, ser necessário propor uma nova categoria de metáfora de restauração, a da guerra, que seria aquela em que se associaria a resolução de problemas ao emprego da força, partindo do princípio de que o mais forte é sempre o vencedor.

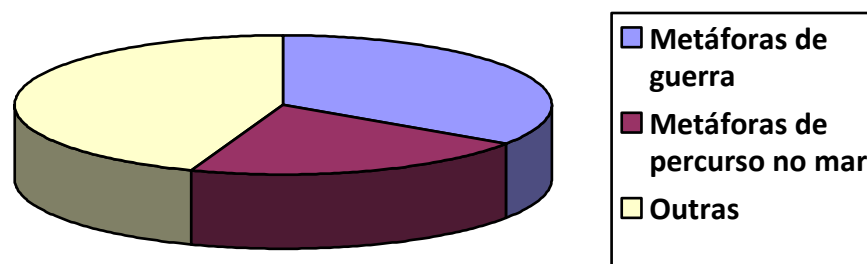
O gráfico a seguir representa a quantidade de metáforas de guerra encontradas com relação ao total de ocorrências registradas no *Diário de S. Paulo* no período da Copa do Mundo de 2010:



Já com relação à linguagem utilizada no periódico português, percebe-se que, embora ele também faça uso mais marcadamente de metáforas que remetem à noção de luta, de guerra, o jornal tende a empregar acentuadamente metáforas de percurso no mar, talvez como forma de resgatar uma honra que viria de tempos passados, um resquício da glória da nação

portuguesa na época da expansão ultramarina. Daí seus jogadores serem conceituados como “navegadores” no mar.

Vale ressaltar o fato de que a linguagem do jornal *A bola* visivelmente prefere metáforas que remetem ao passado histórico da nação portuguesa, como uma forma de rememorar a glória de outrora. Tanto que as alusões à obra de Camões, *Os Lusíadas*, permeiam o periódico português, como se os embates esportivos fossem como os percalços enfrentados pelos navegadores portugueses do passado em seu caminho para a Índia ao redor da África. E isso possibilitaria a asserção de que as metáforas esportivas no jornalismo de *A bola* seriam intertextuais e contariam frequentemente com o conhecimento partilhado entre os leitores a respeito da identidade portuguesa cantada de disseminada desde a época de Camões:



Essa diferença parece indicar que o jornal *A bola* e, talvez, toda a sociedade portuguesa, alimentam uma busca pela identidade da nação portuguesa por meio do retorno ao passado vitorioso. Daí a relação do discurso desse jornal ser explicitamente relacionado ao nível social da linguagem, conforme esboçado anteriormente, no capítulo anterior.

Parece ser em decorrência dessa associação da Copa do Mundo com a glória portuguesa de tempos passados que a desclassificação da seleção portuguesa parece assumir uma feição de tragédia. Tanto que, após o retorno dos “navegadores portugueses” ao país, até a posição de destaque dada ao Mundial de futebol, a capa e as primeiras páginas, passa a ser ocupada por reportagens a respeito do futebol nacional, sendo que o caderno especial sobre

o Mundial deixa de se localizar no início do jornal e passa a se localizar após os cadernos sobre os times nacionais de Portugal, além de ter suas dimensões reduzidas. O destaque do início do campeonato só é retomando quando da divulgação dos campeões em 12 de julho de 2010, edição em que a capa e as páginas iniciais do periódico passam a abordar novamente o Mundial.

Pode-se dizer, portanto, que a seleção de metáforas conceituais feita pelos dois jornais revela o quanto pode ser seletiva a linguagem jornalística, a ponto de culminar com o esfacelamento do mito da imparcialidade não apenas nessa linguagem, mas em qualquer ato enunciativo. Como forma de corroborar tal asserção, passemos à análise dos elementos modalizadores também encontrados nas manchetes e nas linhas finas desses jornais.

2. 4. Os modalizadores

De acordo com Koch (2009), no processo de interação, constantemente formamos juízos de valor e tentamos influir o comportamento e/ou opinião dos nossos interlocutores. É por isso que a autora considera o ato de argumentar como um ato lingüístico fundamental, visto que selecionar e arranjar as informações presentes no texto já constituem, por si sós, ações condicionadas tanto pela intenção do locutor e quanto pelo contexto situacional em que o ato de fala se produz.

(...) o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (Koch: 2009, p. 17)

Partindo de uma perspectiva discursivo-pragmática, Koch, baseando-se nos preceitos de Ducrot, propõe que a interpretação de enunciado seja entendida como a captação das intenções nas quais se funda o enunciador no processo interativo. Desse modo, não haveria apenas uma interpretação possível para os enunciados, uma vez que a significação de um enunciado, ou

texto, depende também de elementos interpessoais, como as relações estabelecidas durante a enunciação entre locutor e alocutário:

Assim, o sentido de um enunciado (sentido 2) se constitui, também, pelas relações interpessoais que se estabelecem no momento da enunciação, pela estrutura desse jogo de representações em que entram o locutor e o alocutário, quando na e pela enunciação atualizam suas intenções persuasivas. É por isso que Ducrot e Vogt ressaltam em suas obras que a noção de sentido lingüístico deverá ser entendida não só como identidade ou diferença entre a estrutura do fato e a estrutura do enunciado utilizado para descrevê-lo, isto é, em termos de verdade ou falsidade (o dizer), mas, principalmente, como a direção, as conclusões, o futuro discursivo, enfim, o alvo para onde esse enunciado aponta (o mostrar). (Koch: 2009, p. 22-3)

Assim como as metáforas, os elementos modalizadores também se encontram no limiar entre o dizer e o não dizer, posto que são atividades que podem ser classificadas como ilocucionárias, mais do que lingüísticas, muito embora se produzam por meio da linguagem. Tal asserção se justifica pelo fato de que os modalizadores estão diretamente ligados ao próprio processo de enunciação, mais do que a seu produto – o enunciado.

São esses elementos os responsáveis por transmitir ao interlocutor determinadas posturas do locutor com relação ao que este enuncia, ligando seu discurso à ideologia predominante na sociedade à qual o último pertence e quebrando o mito de imparcialidade jornalística.

Dentro de uma teoria da linguagem que leva em conta a enunciação, consideram-se modalizadores todos os elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Estes elementos caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou o menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos

personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso.
(Koch: 2009, p. 136)

De acordo com a autora, são elementos modalizadores: pressuposições, negações, uso do futuro do pretérito, emprego de advérbios, de operadores argumentativos e orações modalizadoras. Tais atividades ilocucionárias seriam, portanto, passíveis de uma categorização, pois, como outros atos de fala, seriam convencionalizadas e co-habitariam o imaginário coletivo, posto que disso dependem para serem compreendidas. Isso ocorre porque, como se mencionou anteriormente, é a capacidade do interlocutor de reconhecer as intenções do falante que implica uma interpretação do enunciado. Esse papel ativo do interlocutor é que efetiva a atribuição de uma significação ao enunciado proferido.

Assim sendo, consideram-se as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz: elas constituem, segundo Parret (1976), atos ilocucionários constitutivos da significação dos enunciados, sendo motivadas pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante e, como os demais atos de linguagem, classificáveis e convencionalizadas. (Koch: 2009, p. 73)

Quais seriam os tipos de atos de fala mais freqüentes na linguagem do jornalismo esportivo dos jornais sob análise? Haveria diferenças entre a linguagem de ambos os jornais aqui analisados? Em caso afirmativo, que tipo de diferenças sócio-ideológico-culturais seriam as desencadeadoras do uso de atos de fala distintos? No intuito de responder a essas perguntas, passemos à análise dos registros de elementos modalizadores encontrados no *corpus*.

Durante uma leitura inicial dos jornais, foram encontradas diversas ocorrências de elementos modalizadores. Dentre esses casos observados, foram encontrados casos de negação, de uso do futuro do pretérito, de emprego de advérbios, de operadores argumentativos e de orações modalizadoras, sendo o uso de negações, operadores argumentativos e orações modalizadoras os mais recorrentes, como demonstram os registros a seguir:

a) *Negação*

Constituída de dois enunciados, parte de uma pressuposição afirmativa que é inserida no discurso do locutor polifonicamente:

- (I) Ganso não esconde a sua decepção por ter ficado de fora da Copa do Mundo, mas vibra com a vitória brasileira e acredita na conquista do hexacampeonato (DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 16)
- (II) A convocação de Kléberson para o Mundial foi contestada e, pelo visto, Dunga não confia muito no atleta. Ele não entrou em campo nem mesmo nos amistosos (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 07)
- (III) Seleção brasileira não toma conhecimento da Costa do Marfim, vence por 3 a 1, garante de maneira antecipada a classificação às oitavas de final, e segue firme em busca do hexa (DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 03)
- (IV) Não dá pra comparar (DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 08)
- (V) Igualdade entre Brasil e Portugal não se limita ao placar (DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 12)
- (VI) Apesar de pendurados, Juan, Luís Fabiano, Ramires e Felipe Melo prometem não aliviar nas divididas no duelo de hoje contra os chilenos (DSP – Caderno #copa de 28/06/2010 – p. 09)
- (VII) Esse time não vale um tostão (DSP – Caderno #copa de 1º/07/2010 – p. 11)
- (VIII) Ataque ineficiente do Paraguai não abala a confiança em vencer a Espanha (DSP – Caderno #copa de 1º/07/2010 – p. 17)
- (IX) A seleção não teve ousadia (DSP – Caderno #copa de 03/07/2010 – p. 04)
- (X) Cuidado: não tocar em Pepe (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 06)
- (XI) Governo sul-africano distribuiu nota oficial pedindo aos adeptos que não soprem o instrumento típico durante os hinos nacionais (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 11)
- (XII) “Squadra azzurra’ chegou ontem à África do Sul. Não transpira confiança mas quer repetir 2006 (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 17)
- (XIII) Não me expliquei bem (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 07)
- (XIV) Não gostou de ver a equipa a bombear bolas na segunda parte. Não gostou de jogar no lado direito: “Não sou extremo”. Não alinhou nas críticas do seleccionador à protecção de Drogba: “Temos é de nos preocupar connosco!” (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 10)

b) Uso do futuro do pretérito

De acordo com Koch (2009:144), tal uso, especialmente na linguagem jornalística, constitui outra manifestação da polifonia, haja vista o fato de que, por meio desse recurso, o locutor insere terceiros em seu enunciado como forma de se distanciar do que enuncia e atribuindo a responsabilidade pelo dito a outra voz discursiva:

- (I) Treinador brasileiro reclama da violência dos marfinenses, da expulsão de Kaká e diz que, se estivesse em campo ontem, 'iria arrepiar' (DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 07)
- (II) Poderia ser melhor (DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 15)
- (III) Miroslav Klose desobedeceu uma ordem de seu pai, acreditando que teria mais sucesso como profissional de futebol do que como carpinteiro (DSP – Caderno #copa de 05/07/2010 – p. 11)

c) Emprego de advérbios

Ainda conforme Koch (2009), esse tipo de modalizador tem uma função ilocucionária que instaura a argumentação no texto jornalístico, pois permite que o locutor insira suas opiniões, posturas e ideologias nos enunciados de forma a persuadir os leitores:

- (I) Até o treinador ri da 'trombuzela' (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 03)
- (II) Ao superar até mesmo o botinado Materazzi no número de cartões amarelos e vermelhos na Itália, o volante Felipe Melo garante que tem se esforçado para controlar o pavio curto (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 04)
- (III) Ao final da primeira rodada, Copa da África já tem a pior média de gols da história da competição. Apesar da Jabulani, feita para favorecer os ataques (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 03)
- (IV) A convocação de Kléberson para o Mundial foi contestada e, pelo visto, Dunga não confia muito no atleta. Ele não entrou em campo nem mesmo nos amistosos (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 07)
- (V) Longe de jogar bonito, Holanda faz apenas o suficiente para vencer o Japão por 1 a 0 e garantir a classificação para as oitavas de final na África do Sul (DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 14)
- (VI) Já virou barbada (DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 22)

- (VII) Elano volta a sentir dores no tornozelo direito, lesão que o tirou do jogo diante da Costa do Marfim, e ainda corre o risco de ser vetado para o duelo contra o Chile, pelas oitavas de final (*DSP – Caderno #copa de 27/06/2010 – p. 01*)
- (VIII) Já era, Dunga! (*DSP – Caderno #copa de 02/07/2010 – p. 01*)
- (IX) Espanha só leva se fizer gols (*DSP – Caderno #copa de 07/07/2010 – p. 05*)
- (X) Chegou, finalmente, o arroz Carolino (*AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 07*)
- (XI) Até hoje, nenhum país organizador foi derrotado no jogo de abertura... (*AB – Caderno Mundial 2010 de 11/06/2010 – p. 23*)
- (XII) Maradona até quer brilhar mais do que as estrelas (*AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 12*)
- (XIII) Até dá sorte ter o 11 de fora (*AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 05*)
- (XIV) Fabuloso também com a mão (*AB – Caderno Mundial 2010 de 21/06/2010 – p. 15*)
- (XV) Só agora é que vai começar o Mundial de Maradona (*AB – Caderno Mundial 2010 de 28/06/2010 – p. 04*)
- (XVI) Peçam-lhe tudo, até milagres, mas não lhe peçam que faça golos (*AB – Caderno Mundial 2010 de 30/06/2010 – p. 06*)
- (XVII) Ronaldo até pode ser rei mas não pode ser Deus (*AB – Caderno Mundial 2010 de 2/07/2010 – p. 08*)

d) Operadores argumentativos

Os operadores argumentativos, segundo Koch (2009:149), funcionam como maneiras de persuadir o interlocutor uma vez que agregam ao enunciado a posição de um grupo social como forma de fundamentar uma tese. Consequentemente, o poder de persuasão do enunciado se torna muito maior, posto que adquire maior identificação e adesão de seu público-alvo:

- (I) Sempre respeitada, mas poucas vezes vencedora, Holanda estreia diante da Dinamarca para buscar lugar entre os grandes (*DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 08*)
- (II) Ganso não esconde a sua decepção por ter ficado de fora da Copa do Mundo, mas vibra com a vitória brasileira e acredita na conquista do hexacampeonato (*DSP – Caderno #copa de 16/06/2010 – p. 16*)

- (III) Ao final da primeira rodada, Copa da África já tem a pior média de gols da história da competição. Apesar da Jabulani, feita para favorecer os ataques (DSP – Caderno #copa de 17/06/2010 – p. 03)
- (IV) Dunga e CBF divulgam que Gilberto Silva treinou na sexta-feira, mas o volante estava com dores e ficou fora da atividade (DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 07)
- (V) Carlos Queiroz, treinador de Portugal, torce pela vitória do Brasil contra a Costa do Marfim; afinal, se a sua seleção também vencer a Coreia do Norte, amanhã, um empate na última rodada classifica brasileiros e portugueses (DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 11)
- (VI) Daniel Alves e Júlio Baptista devem ser as novidades da seleção brasileira no jogo de amanhã, contra Portugal (DSP – Caderno #copa de 24/06/2010 – p. 01)
- (VII) Técnico Dunga valoriza a campanha do Brasil, mas admite que a equipe precisa jogar melhor para conquistar o hexa (DSP – Caderno #copa de 26/06/2010 – p. 14)
- (VIII) Elano participa de treino, mas volta a sentir dores e pode ficar fora do segundo jogo seguido por causa de problemas no tornozelo direito (DSP – Caderno #copa de 27/06/2010 – p. 03)
- (IX) Apesar de pendurados, Juan, Luís Fabiano, Ramires e Felipe Melo prometem não aliviar nas divididas no duelo de hoje contra os chilenos (DSP – Caderno #copa de 28/06/2010 – p. 09)
- (X) Espanha só leva se fizer gols (DSP – Caderno #copa de 07/07/2010 – p. 05)
- (XI) Se a vitória diante da Costa do Marfim trouxe otimismo aos paulistanos, a eliminação contra a Holanda fez o povo cornetar o futebol feio apresentado (DSP – Caderno #copa de 08/07/2010 – p. 04)
- (XII) Ruben Amorim já estava a treinar-se há três dias (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 07)
- (XIII) Jogadores já se queixam de problemas de concentração e de comunicação (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 11)
- (XIV) “Squadra azzurra’ chegou ontem à África do Sul. Não transpira confiança **mas** quer repetir 2006 (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 17)
- (XV) Laranja mecânica chega ao Mundial recheada de goleadas mas tal não interessa a Sneijder (AB – Caderno Mundial 2010 de 10/06/2010 – p. 17)
- (XVI) Toni já entrou em funções como observador dos adversários da Costa do Marfim no Mundial (AB – Caderno Mundial 2010 de 11/06/2010 – p. 13)
- (XVII) África é mesmo assim generosa, pura e ingênua (AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 06)

- (XVIII) É o 6º Mundial de Carlos Alberto Parreira, por cinco países diferentes. Só conseguiu triunfar até agora com as cores do Brasil (AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 07)
- (XIX) Dunga não ri mas ganha (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 04)
- (XX) Se sofrerem um golo... por favor, não sofram Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 16)
- (XXI) Pepe está bem mas não para 90 minutos primeiro (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 05)
- (XXII) Foi estrela nos EUA mas continua 100 por cento inglês, bastou vê-lo esbracejar no banco... (AB – Caderno Mundial 2010 de 13/06/2010 – p. 14)
- (XXIII) Se ficar no Chelsea, talvez possa participar no apuramento e na fase final do Euro 2012. Se for para o Brasil não jogará mais por Portugal (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 08)
- (XXIV) Yaya Touré deseja a recuperação de Drogba, mas não deixa de lembrar que há mais jogadores (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 13)
- (XXV) Luisão não falou com Fábio Coentrão e Rúben Amorim, mas está satisfeito por poder reencontrá-los na África do Sul. Tem carinho especial por Portugal, que vê, no entanto, como mais um adversário. Não vai jogar, mas está ansioso (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 15)
- (XXVI) Apenas 100 pessoas no primeiro treino aberto da África do Sul (AB – Caderno Mundial 2010 de 15/06/2010 – p. 19)
- (XXVII) Gervinho quis ser Drogba mas Drogba é que assustou (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 08)
- (XXVIII) Fomos cautelosos, mas também a única equipa a querer ganhar (AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 08)
- (XXIX) Portugal vai encontrar na Cidade do Cabo um adversário que está no Mundial apenas com o propósito de se defender (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 11)
- (XXX) Dirigentes da federação já pensam em renovar com o seleccionador (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 11)
- (XXXI) Ainda a acusação de acção publicitária ilegal (AB – Caderno Mundial 2010 de 17/06/2010 – p. 11)
- (XXXII) Pediu desculpa... mas estará perdoado? (AB – Caderno Mundial 2010 de 18/06/2010 – p. 04)
- (XXXIII) Já há ingleses a dizer 'volta Eriksson estás perdoado' (AB – Caderno Mundial 2010 de 19/06/2010 – p. 12)
- (XXXIV) Mas onde está Ronaldo? (AB – Caderno Mundial 2010 de 27/06/2010 – p. 06)
- (XXXV) Custar, custa mas a Espanha é melhor (AB – Caderno Mundial 2010 de 30/06/2010 – p. 04)

- (XXXVI) Portugal gasta cinco milhões mas receberá oito (AB – Caderno Mundial 2010 de 1º/07/2010 – p. 05)
- (XXXVII) A Espanha é melhor, mas será que ganha? (AB – Caderno Mundial 2010 de 11/07/2010 – p. 16)

e) *Orações modalizadoras*

As orações modalizadoras constituem, em conformidade com as ideias de Koch (2009: 139), “um modo de significar diferente daquele sob o qual é veiculado o conteúdo proposicional”. Em outras palavras, enunciados que fazem uso desse recurso contêm “a informação propriamente dita, aquilo que é dito, (...) [e] indicam o modo como aquilo que se diz é dito, pertencendo, assim, ao universo da mostração, da representação, (no sentido teatral do termo) e não ao universo de referência”:

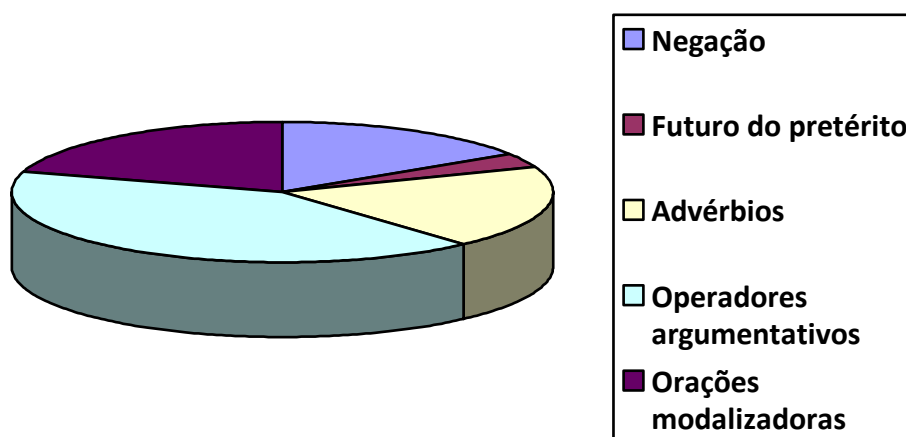
- (I) Ao superar até mesmo o botinado Materazzi no número de cartões amarelos e vermelhos na Itália, o volante Felipe Melo garante que tem se esforçado para controlar o pavio curto (DSP – Caderno #copa de 13/06/2010 – p. 04)
- (II) Júlio César, Maicon e Lúcio podem entrar para o seleto grupo dos supercampeões que conquistaram todos os títulos possíveis em uma no de Copa do Mundo (DSP – Caderno #copa de 14/06/2010 – p. 08)
- (III) Robinho avisa que a seleção brasileira vai dançar ao estilo do Santos para comemorar os gols que marcar contra a Coreia do Norte (DSP – Caderno #copa de 15/06/2010 – p. 04)
- (IV) O show deve continuar (DSP – Caderno #copa de 18/06/2010 – p. 14)
- (V) Brasil precisa vencer bem hoje para fazer jus à condição de favorito ao título da Copa do Mundo (DSP – Caderno #copa de 20/06/2010 – p. 01)
- (VI) Treinador brasileiro reclama da violência dos marfinenses, da expulsão de Kaká e diz que, se estivesse em campo ontem, ‘iria arrepiar’ (DSP – Caderno #copa de 21/06/2010 – p. 07)
- (VII) Para Luís Fabiano, esta será a sua única chance numa Copa do Mundo. De quabra, seus gols ainda podem lhe render transferência para um grande clube da Europa (DSP – Caderno #copa de 22/06/2010 – p. 07)
- (VIII) Pesquisa do Diário aponta que 70% dos brasileiros acham que a seleção brasileira ganhará de Portugal (DSP – Caderno #copa de 25/06/2010 – p. 03)

- (IX) Elano participa de treino, mas volta a sentir dores e pode ficar fora do segundo jogo seguido por causa de problemas no tornozelo direito (*DSP – Caderno #copa de 27/06/2010 – p. 03*)
- (X) Apesar de pendurados, Juan, Luís Fabiano, Ramires e Felipe Melo prometem não aliviar nas divididas no duelo de hoje contra os chilenos (*DSP – Caderno #copa de 28/06/2010 – p. 09*)
- (XI) O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, avisa que o próximo técnico da seleção terá de trabalhar com garotos da nova geração, como Neymar e Ganso (*DSP – Caderno #copa de 06/07/2010 – p. 01*)
- (XII) Presidente do Benfica diz que o avançado ganha aquilo que pediu (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/06/2010 – p. 26*)
- (XIII) Empate acaba por não ser mal (*AB – Caderno Mundial 2010 de 16/06/2010 – p. 11*)
- (XIV) Pode recuar e compensar limitações físicas do médio (*AB – Caderno Mundial 2010 de 18/06/2010 – p. 10*)
- (XV) Defesa Souleymane Bamba afirma que ponta-de-lança não joga a cem por cento devido à lesão no braço direito (*AB – Caderno Mundial 2010 de 24/06/2010 – p. 12*)
- (XVI) Braçadeira de Ronaldo pode estar em risco (*AB – Caderno Mundial 2010 de 1º/07/2010 – p. 07*)
- (XVII) Holanda pode imitar a perfeição do melhor Brasil da história (*AB – Caderno Mundial 2010 de 10/07/2010 – p. 17*)
- (XVIII) Podia Casillas ser o melhor? (*AB – Caderno Mundial 2010 de 12/07/2010 – p. 08*)

Uma vez que todo texto tem uma intencionalidade intrínseca, sendo, portanto, argumentativo, o uso de elementos modalizadores acaba por reforçar a intenção do enunciador no sentido de que constituem marcas textuais dessa intencionalidade do sujeito do processo enunciativo-discursivo.

Como se pôde perceber por meio dos exemplos, essas marcas são responsáveis por orientar a consciência do enunciatário para além do texto em si, determinando o modo como o enunciatário entenderá a informação que recebe. Assim, além da seleção lexical e dos recursos retóricos, os operadores argumentativos desempenham um papel importante na constituição do discurso posto que estabelecem o valor argumentativo dos enunciados, remetendo seja ao eixo existencial, ao da crença ou ao da conduta benemérita ou não.

Dentre as 89 ocorrências registradas, os operadores argumentativos se apresentaram como os recursos mais utilizados conforme indica o gráfico a seguir:



O fato de se ter uma quantidade tão significativa de operadores argumentativos já seria um indício de que a linguagem jornalística esportiva faz largo uso da subjetividade para obter a adesão de seus leitores.

Considerando-se que os operadores argumentativos constituem o recurso mais empregado nos periódicos analisados, passemos a observá-los de maneira mais aprofundada. Os operadores mais utilizados foram os denotativos de contraste, como ‘mas’ e ‘apesar de’, basta se ver os exemplos acima registrados.

Esse recurso indica que os jornais envolvidos na pesquisa tendem a assumir uma atitude polifônica como estratégia para manter um disfarce de distanciamento do enunciador com relação àquilo que narra. Isso porque é por meio desse tipo de operador argumentativo que se atribui uma asserção a outro locutor, asserção essa que o enunciador visa a se opor. Desse modo, o enunciador incorpora a seu discurso elementos do discurso de outrem e com o qual mantém certa relação de concordância, mas ao mesmo tempo em que “não assume a responsabilidade direta de tê-lo dito” (Koch: 2009), usando, na verdade, para refutar algum aspecto nele presente.

É o que ocorre em “Ganso não esconde a sua decepção por ter ficado de fora da Copa do Mundo, mas vibra com a vitória brasileira e acredita na

conquista do hexacampeonato” no qual o enunciador atribui o enunciado X a Ganso e assume apenas o enunciado Y:

X = Ganso não esconde a sua decepção por ter ficado de fora da Copa do Mundo

Y = Ganso vibra com a vitória brasileira e acredita na conquista do hexacampeonato

Embora comumente se espere uma postura de imparcialidade diante dos fatos narrados por parte da imprensa jornalística, pode-se perceber que essa concepção de discurso jornalístico é apenas um elemento aparente desse discurso que se constrói por meio de recursos como os apresentados nesta pesquisa, seja por meio do tom de verdade absoluta obtido por metáforas que acionem um conhecimento de mundo partilhado e disseminado na sociedade em que se insere o discurso jornalístico, seja por meio de operadores argumentativos capazes de persuadir os leitores pela projeção dos anseios ou da ideologia de um sujeito coletivo, que representa a opinião de um grupo social: a própria imprensa jornalística.

Considerações Finais

Esta pesquisa visou demonstrar como se apresenta a linguagem do jornalismo esportivo em tempos de Copa do Mundo e como os textos jornalísticos são modalizados, transmitindo e reforçando a ideologia dos periódicos, manipulando leitores e persuadindo-os a aderir às perspectivas propostas nos jornais.

Para que isso se tornasse possível, foram observados os critérios de seleção de metáforas conceituais e os operadores de modalizações acionados e articulados em manchetes e linhas finas dos jornais *Diário de S. Paulo* e *A bola*.

No primeiro capítulo, foi feito um pequeno panorama dos conceitos imbricados nesta pesquisa e, ainda nesse capítulo, também se discorreu a respeito do jornalismo, mais especificamente das características do jornalismo esportivo e de sua respectiva linguagem em tempos de Copa do Mundo, evento de maior importância para o futebol.

Após isso, uma análise das ocorrências encontradas no corpus revelou que dos elementos metafóricos e os modalizadores presentes nas manchetes e nas linhas finas do discurso dos jornalistas brasileiros e portugueses são as metáforas de guerra e os operadores argumentativos os recursos mais utilizados, sendo que, no periódico português, as metáforas de percurso no mar também são extremamente utilizadas e indicam a ideologia da busca pela identidade nacional pelo retorno ao passado glorioso.

O emprego desse tipo de linguagem propiciou uma movimentação do discurso do jornalismo esportivo entre a subjetividade e a objetividade, que culminou com efeitos de proximidade e distanciamento com relação ao narrado, sendo que esse jogo de movimentos configurava-se conforme as nuances da opinião social, isto é, da ideologia representada pela instituição da imprensa jornalística.

Portanto, toda a áurea de imparcialidade que envolve o discurso jornalístico, na verdade é um simulacro criado em conformidade com os interesses de uma classe dominante. Tal simulacro visa a propiciar a

identificação de um certo tipo de enunciatário com os valores culturais e ideológicos dos jornais que o criam ao mesmo tempo em que disseminam esses valores e os mantêm em vigor, como se fossem verdades universais e absolutas, constituindo um conhecimento de mundo irrefutável e cristalizando determinadas visões de mundo, como a da importância do futebol, em detrimento de outras.

Observa-se, portanto, que no discurso jornalístico, a manifestação da ideologia ligada a essa formação discursiva é responsável pela materialização da concepção de futebol como uma guerra, sendo que a vitória seria a única maneira de uma nação restaurar sua honra e persuadindo os enunciatários a agirem e pensarem em conformidade com essa ideologia, restando ao enunciatário a opção de aderir ou não a ela.

Referências Bibliográficas

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

BARROS, D. L. P. de “*Dialogismo, polifonia e enunciação.*” In: BARROS, D. L. P. de & FIORIN, J. L. (Orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 01-9.

DIAS, A. R. F. *O discurso da violência*. São Paulo: Cortez, 2008.

FAIRCLOUGH, N. “Teoria social do discurso” In: *Discurso e mudança social*. São Paulo: UnB, 2008, p. 87-131.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro, Editora FGV: 2006 (p. 179-180).

KOCH, I. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SANTOS, E. A. dos. *Análise da modalização no discurso jornalístico*. Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2005.

SILVA, L. S. da. *A metáfora conceptual na construção do discurso jornalístico*. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2008.

Anexos

Capas

Jornal: *A Bola*

Data: 15 de junho de 2010

TER 15 JUN 2010
Diário Ano LXVI (N.º 12.330) Preço € 0,80 (IVA a 5%) Portugal continental

www.abola.pt

A BOLA

costa do marfim **portugal**

15 h RTP Sport TV1

ONTEM
HOLANDA DINAMARCA 2-0
JAPÃO CAMARÕES 1-0
ITÁLIA PARAGUAI 1-1

HOJE
Brasil Coreia do Norte 19.30 H RTP/Sport TV
Nova Zelândia Eslováquia 12.30 H SIC/Sport TV

NAVEGADORES À DESCOBERTA DA ÁFRICA MUNDIAL

HEROIS do MAR

➔ **Simão** no banco dá sorte a Portugal
➔ Mãe de **Ronaldo** pede um golo ao filho
➔ Eriksson diz que **Drogba** é que decide se joga

p. 2 a 27 e 48

FC Porto
KLÉBER CONTRATADO
Avançado pode ficar mais uma época no Marítimo p. 32

sporting
ACORDO COM MANICHE
Deverá ser apresentado ainda esta semana p. 30 e 31

Benfica
MOREIRA VAI RENOVAR
Aceitou proposta da SAD para contrato até 2013 p. 28 e 29

Opinião
MIGUEL SOUSA TAVARES
p. 46
Gestão do caso Nani foi má de mais

Port Elizabeth 2010

Cabo da Boa Esperança 1488

HOJE
SPORT TV1 e SPORT TV HD
12:30 Nova Zelândia x Eslováquia
15:00 C. MARFIM x PORTUGAL
19:30 Brasil x Coreia Norte

AMANHÃ
SPORT TV1 e SPORT TV HD
Honduras x Chile*
Espanha x Suíça*
África Sul x Uruguai

5ª FEIRA
SPORT TV1 e SPORT TV HD
Argentina x Coreia Sul
Grécia x Nigéria
França x México

TODO O MUNDIAL SO NA SPORT TV
Os 64 jogos em Directo. E em Alta Definição. *Em Exclusivo.

SPORT-TV
LICENSED BROADCASTER

SOUTH AFRICA 2010
FIFA WORLD CUP

fundadores
CÂNDIDO DE OLIVEIRA
RIBEIRO DOS REIS
VICENTE DE MELO
director
VITOR SERPA

www.abola.pt

A BOLA

QUA 16 JUN 2010

Diário | Ano LXVI | N.º 13.331

Preço
€ 0,80 (IVA a 5%)
Portugal continental

COENTRÃO QUER FICAR NO BENFICA

➔ Lateral-esquerda garante que não pensa em sair da Luz

JESUS CONFIRMA ROBERTO

➔ «Não vem por acaso», diz o treinador
➔ Assume que o guarda-redes do Atl. Madrid que esteve emprestado ao Saragoça era a grande prioridade

KNAUF

TECTOS
PAVIMENTOS

Sistemas de construção • Isolamento Acústico eficaz

NAVEGADORES AINDA NÃO ENCONTRARAM RUMO

ENCALHADOS

Seleção não conseguiu ultrapassar a muralha da Costa do Marfim

➔ Pressão aumenta para o jogo com a Coreia do Norte, que fez vida negra ao Brasil

DECO CONTESTA OPÇÕES DE QUEIROZ

➔ Não gostou de ser encostado à direita e não percebeu substituição

costa do marfim

0

0

portugal

GRUPO G

SOUTH AFRICA

BRASIL
2

1

COREIA DO NORTE

1

NOVA ZELÂNDIA

1

ESLOVAQUIA

1

HOJE

honduras

chile

12.30 H
Sport TV

sp. braga p. 35

SAI EDUARDO ENTRA QUIM

➔ Titular da Seleção deve render 4 milhões de euros, benfiquista já recebeu proposta

FC porto p. 34

KLÉBER FAZ PRÉ-EPOCA

➔ Avançado está na Madeira mas deve ser chamado para estágio em Mariefeld

sporting p. 32 e 33

SEGUE-SE EVALDO

➔ Com Maniche garantido, SAD avança agora para contratação do lateral-esquerdo

Opinião
EDUARDO BARROSO

“Jogámos sem alegria e sem companheirismo, demasiado tensos”

espanha
suiça

15 H
Sport TV

África do sul
uruguai

19.30 H
RTP/Sport TV

Jornal: A Bola

Data: 21 de junho de 2010

A BOLA

SEG 21 JUN 2010
Diário | Ano LXVI | N.º 13.336
Preço
€ 0,80 (IVA a 5%)
Portugal continental

www.abola.pt

portugal 12.30 h RTP Sport TV coreia do norte

É TEMPO DE RONALDO APARECER
HORA DE SER LÍDER

ONTEM
ESLOVAQUIA PARAGUAI
0 • 2
ITALIA N. ZELÂNDIA
1 • 1
BRASIL C. MARFIM
3 • 1

BRASILEIROS JÁ ESTÃO NOS 'OITAVOS'

HOJE
chile • suíça
15 H SIC/SPORT TV
espanha • honduras
19.30 H SPORT TV

Em jogo de tudo ou nada, todos os olhares, portugueses mas também norte-coreanos, voltam-se para o mais caro do mundo

Não marca pela Selecção há quase ano e meio, mas acredita que será hoje

Vamos tentar entrar seja por onde for
RONALDO
p. 2 e 25

TIAGO NO LUGAR DE DECO
Lesão com versões diferentes afasta o médio do Chelsea

SPORTING
Segunda vitória seguida em casa do Benfica resolveu o título
p. 38 e 39

SPORTING
PAULO SÉRGIO QUER MAIS 6 JOGADORES
Em entrevista à TVI confirma dispensas de Caneira, Pedro Silva e Vukcevic
Diz que espera dois centrais, pelo menos dois extremos, guarda-redes e avançado
p. 30, 31 e 48

Benfica
LUISÃO PARTE A LOIÇA
Irritado por nem ter sido informado que o Atl. Madrid o pretendia
«Clube não me vende mas também não me dá um contrato que salvguarde o meu futuro»
12 milhões em caixa com venda de parte dos passes de Ramires, Aírton e Kardec
p. 26 e 29

FC Porto
LESIONADOS REGRESSAM
Rúben Micael, Mariano e Varela reavaliados hoje no Olival
p. 28

A LUSITANIA CONQUISTA NOVOS MARES!
Grupo Montepio

Jornal: A Bola

Data: 28 de junho de 2010

fundadores
CÂNDIDO DE OLIVEIRA
RIBEIRO DOS REIS
VICENTE DE MELO
directores
VITOR SERPA
www.abola.pt

SEG 28 JUN 2010
Diário | Ano LXVII | N.º 13.343
Preço
€ 0,80 (IVA a 5%)
Portugal continental

A BOLA



SAVIOLA APRESENTA-SE COM AMBIÇÃO E SENTIDO DE RESPONSABILIDADE

“TEMOS UM TÍTULO A DEFENDER

→ Em declarações a A BOLA, avançado argentino mostra vontade de fazer crescer história do clube

→ **Campeão volta hoje ao trabalho com várias dúvidas no plantel**

p. 30 a 32

SP. Braga

QUIM CHEGA HOJE



→ Ex-benfiquista faz exames de manhã e à tarde já deve entrar em estágio

Bayern de Munique quer Eduardo

→ Guarda-redes não volta ao Minho e Alemanha é forte hipótese

p. 34 e 35

FC Porto



KLÉBER EM LITÍGIO COM MARÍTIMO

→ Faltou a treino e fica sob alçada do departamento jurídico
→ Carlos Pereira dera sinais de que negócio podia avançar, agora esperam-se dificuldades

p. 28, 29 e 33

sporting

SONDAGENS EM MADRID

→ Costinha falou com Mourinho sobre jogadores que o Real possa ceder por empréstimo

→ **André Martins reclama lugar**
→ Médio impressiona e pode integrar plantel

p. 26 e 27

Mundial2010

ALEMANHA	ARGENTINA
4	3
1	1
INGLATERRA	MEXICO

ONTEM

holanda	brasil
eslováquia	chile

HOJE

15 H RTP/Sport TV

19.30 H RTP/Sport TV

p. 3 a 25

ARGENTINA E ALEMANHA DÃO 'SHOW'



→ Tremenda eficácia, aliada a graves erros de arbitragem, reedita duelo dos quartos-de-final de há quatro anos

NÃO TEMOS MEDO DA ESPANHA



→ Simão elogia adversário mas diz que a Selecção tem condições para ganhar
→ Val tornar-se o português com mais jogos em fases finais de Mundiais

→ **Pepe deve manter lugar no onze**
→ **Del Bosque faz equipa em função de Ronaldo**

p. 26

COFIDIS
Energia para viver



LIGUE AGORA e concretize os seus projectos.

COM O CRÉDITO COFIDIS, PODE ADIAR UMA MENSALIDADE QUANDO QUISER.

Chamada local das 8H às 24H - 7 dias por semana

☎ **808 225 225**
@ **www.cofidis.pt**

Jornal: A Bola

Data: 29 de junho de 2010

fundadores
CÂNDIDO DE OLIVEIRA
RIBEIRO DOS REIS
VICENTE DE MELO
director
VITOR SERPA
www.abola.pt

TER 29 JUN 2010
Diário | Ano LXVII | N.º 13.344
Preço
€0,80 (IVA a 5%)
Portugal continental

A BOLA

NAVEGADORES EM DUELO IBÉRICO

PARA A HISTÓRIA

espanha   **portugal** 

ONTEM
HOLANDA
2
1
ESLOVAQUIA
BRASIL
3
0
CHILE

HOJE
 **paraguai**
 **japão**
15 HORAS
RTP Sport TV

OTAVOS-DE-FINAL
19.30 h
RTP Sport TV

Selecção
volta ao Cabo,
onde goleou
a Coreia do Norte,
para deixar
a sua marca
uma vez mais
p. 2 e 25

“
Temos de correr riscos.
O que fizemos na fase
de grupos não chega
para ganhar à Espanha
”
CARLOS QUEIROZ

FC Porto
KIESZEK
VAI SER DRAGÃO
➔ Contratação do guarda-redes
polaco ao Sp. Braga quase
fechada p. 29

sp. braga
QUIM VOLTOU
A CASA
➔ Guardião fez ontem
exames e já se treinou
à tarde p. 34 e 35

sporting
PAULO SÉRGIO
ELOGIA ALAN
➔ Contrato de três anos
à espera do extremo
bracarense p. 30 a 32

benfica
REAL
MADRID
CONFIRMA
DI MARIA
➔ Águias
podem
encaixar
no máximo
37 milhões
p. 26 a 28 e 48

Opinião
MIGUEL
SOUSA
TAVARES
p. 46
“Queiroz
vai ter de
correr o risco
por inteiro
contra a Espanha”

ESPAÑA
PORTUGAL
Hoje - 19.30
SPORT TV1 e SPORT TV HD

Paraguai x Japão
Hoje - 15.00
SPORT TV1 SPORT TV HD

ATÉ À FINAL
SÓ NA SPORT TV
Em Directo e em Alta Definição.

SPORT TV
LICENSED BROADCASTER

 **SOUTH AFRICA 2010**
FIFA WORLD CUP

Os números da Copa

O seguinte documento, intitulado “FIFA World Cup in Numbers” (A Copa do Mundo da FIFA em números) e localizado na página seguinte, apresenta de maneira detalhada informações não apenas sobre o evento em si, como período, número de estádios e cidades-sede, mas também a respeito de sua audiência no mundo, das operações envolvidas em sua realização e de seu impacto social.



THE FIFA WORLD CUP IN NUMBERS

The event

- 2010 FIFA World Cup will take place from 11 June to 11 July 2010
- 10 stadiums in nine host cities – approx 3,3 million spectators expected
 - Johannesburg – Ellis Park & Soccer City (venue opening and final matches)
 - Tshwane/Pretoria
 - Nelspruit
 - Polokwane
 - Durban
 - Nelson Mandela Bay/Port Elizabeth
 - Cape Town
 - Mangaung/Blomfontein
- 32 teams and 64 matches
- Approx 15,000 Volunteers
- Approx 15,000 media representatives

TV audience for 2010

- 2006 FIFA World Cup was broadcast to 214 countries and territories on 376 channels with a total coverage of 73,072 hours – an increase of 76 percent on the 2002 event (41,435 hours) and a 148 percent increase on 1998.
- This equates to a TV channel broadcasting 24/7 for over eight years.
- **The global cumulative TV audience was 26.29 billion**, with 24.2 billion in-home viewers and 2.1 billion watching out-of-home. **For the 2010 FIFA World Cup, FIFA expects a similar worldwide TV audience with records across Africa.**
- Each of the 64 matches received on average 858 hours of dedicated coverage and attracted a cumulative audience of 259.9 million viewers.



- In the host country Germany more than 18 million people enjoyed the unique FIFA World Cup™ ambience at the official Fan Fest events in the twelve host cities during the 2006 event in Germany.

The 2006 FIFA World Cup Germany™ in numbers

The Event

- The 18th FIFA World Cup
- FIFA World Cup Trophy
 - weight of the real FIFA World Cup Trophy = 4,970g
 - height of the real solid gold trophy = 36 cm
- Total 3,359,439 spectators at 64 games in the 12 stadiums -> 2nd highest on-site audience after USA 1994 (higher due to bigger capacity)
- An average 52,491 spectators watched each match in one of the 12 stadiums
- Over 15 million applications for tickets on offer to the public
- All 64 matches sold out
- 99.5% capacity of each stadium filled
- Training camps:
 - 70 rented training venues
 - 1,500 training units held by the 32 teams
 - 64,000 km travelled by the 32 teams between team base camp and venue
 - 5 tons luggage for the 32 teams
- 480 doping tests before and during the event
- Goal of the Tournament - Maxi Rodriguez (for Argentina v. Mexico)
- Award for Most Entertaining Team presented by Yahoo! – Portugal
- The adidas Golden Shoe Award – Miroslav Klose
- Gillette Best Young Player Award – Lukas Podolski
- The adidas Golden Ball Award – Zinedine Zidane
- Anheuser Busch Bud Man of the Match – Andrea Pirlo (final)
- Hyundai Fan of the Match – Katarina Grabner (overall)
- FIFA Fair Pay Award – Brazil & Spain
- Yashin Prize for Best Goalkeeper – Gianluigi Buffon

Operations

- **Staffing**
 - 85,185 people worked on behalf of the LOC during the event, among those
 - 279 employed LOC staff at headquarters and venues
 - 280 temporary LOC staff
 - 16,440 security stewards in the 12 stadia (average of 1,370 per match)
 - additional 2,760 security stewards in team camps, headquarters, official hotels and training camps
 - 8,000 medical staff
 - 2,500 artists for opening and closing ceremony



- 15,000 volunteers
- 800 hostesses
- 80 travel and event services employees
- 400 CTS employees (OC ticketing provider)
- **Volunteers**
 - 15,000 in total
 - 62% male 38% female
 - 58% under 30, but also 500 retired people
 - 80 – age of eldest volunteer
 - 9% foreigners
 - 45 different languages covered incl. Hindu, Korean and Japanese
- **Accreditation**
 - 240,000 registered accreditations
- **Security**
 - an average of 1,370 security stewards used per game
 - between 500 – 2,500 ad hoc controls per game at stadium entrance
 - 87,680 total security employees
 - 100,000 confiscated objects
- **Stadia**
 - 96 ha new turf in the 12 FIFA World Cup stadia
 - 14,000m² artificial turf
 - 20,000m² of goal netting
 - 24 extra pitch mowers
 - 115 groundsmen
- **IT & Telecommunications**
 - 500 – 600 switches required for the FIFA World Cup network in the stadiums
 - 1,000 km of cabling throughout the stadia
 - 15,000 km of copper wiring required for the FIFA World Cup network
 - 4,500 terminals connected to the convergent FIFA World Cup network (including c. 3,000 IP phones)
 - c. 10,000 flat screens made available for reporters and in the media zones
 - c. 30,000 communication points for the press box (including ISDN & internet)
- **Transportation**
 - 650 Hyundai cars plus 250 rental Hyundai cars
 - 1,000 professional drivers and 1,000 volunteer drivers
 - 3,600 bus days for teams, VIPs and Media shuttles
 - 60% of spectators used public means of transportations
 - 15 million people used the train during the tournament
- **Public Catering Concessions**
 - Over 20 million euros in total sales
 - 1,056,000 litres beer sold in the 12 stadia
 - 5,500,000 drinks in returnable cups sold in the 12 stadia

Media Consumption



- **TV**
 - Broadcast to 214 countries
 - on 376 channels
 - 43,600 "dedicated" programmes broadcast
 - Total coverage of 73,072 hours (+76.4% on 2002, +146% on 1998)
 - Cumulative TV audience of 26.29 billion (24.2 billion in-home viewers, 2.1 billion out-of-home)
 - Most-watched match: Italy v France final, total cumulative audience of 715.1 million viewers
 - Each match received on average 858 hours of dedicated coverage and attracted a cumulative audience of 259.9 million viewers
- **Online**
 - FIFAworldcup.com most successful sports event website
 - 4.2 billion page views from June 9-July 9 – more than double the traffic recorded during the 2002 event
 - More than 125 million Video Streams -- 2006 marks the first year that video highlights of FIFA World Cup matches were free to air on the web
 - Over 875,000 Fantasy Sign-Ups – record numbers signed up to play fantasy football
 - More than 73 million Page Views on the Mobile Web Portal after FIFAworldcup.com went mobile for the first time
- **Media Operations**
 - Record 18,850 media representatives accredited (incl. technicians)
 - 4,250 print/internet journalists and editors
 - 1,200 photographers
 - 13,400 TV commentators, camera teams, technicians

Event Impact

- Additional two million visitors from abroad (source: German Tourist Board)
- Overnight stays by foreigners up 31 percent year-on-year in June (German government's final report on "2006 Football World Cup")
- Retail sales forecast to rise by extra two billion euros (HDE retail industry association)
- 1.5 billion euros total investment for stadia renovation and modernisation (source: LOC)
- Economic growth (GDP) forecast to increase an extra 0.3 percentage points (source: German Chambers of Industry & Commerce)

Alongside the FIFA World Cup

- **First official public viewing programme – the Fan Fest 2006 FIFA World Cup**
 - 15 event locations
 - 18 million spectators
 - 19,000 people involved
 - 3.5 million litres of beer sold
 - 1.75 million litres of non-alcoholic drinks sold
 - 3.5 million sausages sold (nearly one in five visitors bought a sausage)
 - 15,000 media representatives covered event on-site



- 23 merchandise shops, 1 superstore with 600m2
- 4,000 hours entertainment programme (incl. broadcast of all 58 matches possible to show)
- 720 hours programme with sponsor content
- 39 giant screens
- 1.5 million watt sound system
- 3 million watt lighting system
- 350 trucks for stages, giant screens, scaffolding, sound, lightning
- 23,000 m2 of FIFA World Cup design decorations
- **Global FIFA World Cup Trophy Tour by Coca-Cola**
 - First time real trophy on tour
 - 31 cities in 29 countries in all 6 Confederations
 - 202,480 visitors
 - 3,448 journalists
 - More than 100,000 km around the globe
 - More than 60 pages of coverage
- **Domestic FIFA World Cup Trophy Tour**
 - 21 cities
 - 364,500 visitors

A tabela a seguir contém informações retiradas de uma pesquisa de marketing promovida pela Sportcal's a respeito da Copa do Mundo FIFA de 2010. Esse relatório foi recentemente atualizado para englobar até mesmo os tipos de mídia mais modernos.

SPORTCAL'S FIFA WORLD CUP 2010 FACTSHEET



SPORTCAL, THE LEADING PROVIDER OF SPORTS MARKET NEWS AND INTELLIGENCE

The data below is taken from Sportcal's comprehensive market insight into the 2010 FIFA World Cup. The report has been recently updated to cover all the latest media news, such as television and mobile rights deals in the Asia-Pacific region. The sponsorship chapter comprises a detailed breakdown of the three tiers of sponsorship and includes the latest deals, including World Cup Partner deals with Seara and Yingli Solar, which will bring in an additional \$150 million to Fifa coffers over the next five years.

THE FIFA WORLD CUP BY NUMBERS

Dates	June 11 – July 11, 2010
Number of teams	32 national teams
Number of venues	10
Host broadcaster	HBS
Host broadcasting budget	\$160 million
Total estimated commercial revenue	\$3.3 billion
Total media rights revenue	\$2.15 billion
Total marketing revenue	\$1.2 billion
Government spend to date (essential infrastructure, stadia etc)	R17.4 billion
Economic impact (direct, indirect & induced spending)	R55.7 billion (Source: South African Tourism)
Total expected cumulative TV audience	26 billion
Organising committee budget	\$523 million - Includes \$100m approved in March 2010
Most World Cup wins	Brazil (5)

SPOTLIGHT ON MEDIA

BIGGEST DEAL IN A SINGLE COUNTRY IN FIFA HISTORY

US\$ combined deal for 2010 & 2014 World Cups	\$425 million
Univisión	\$325 million (Spanish language rights)
ABC/ESPN	\$100 million (English language rights)

BIGGEST MEDIA RIGHTS CONTRIBUTOR BY REGION - 2010

Europe (56% of total)	\$1.2 billion
-----------------------	---------------

MARKETING BREAKDOWN

International marketing revenue	\$1.2 billion
Sponsorship (domestic sponsorship: \$195 million)	\$1 billion
Hospitality	\$120 million
Licensing	\$80 million

FIFA WORLD CUP NUMBERS: 2006 v 2010

	2006	2010	% increase
Media rights revenue	1,400	2,147	53
Marketing revenue	860	1,200	39.5
Hospitality	250	110	(-46)
Sponsorship	562	1,010	80
Licensing	63	80	27
Total commercial revenue	2,260	3,347	48

Sportcal 2010 NB: All figures in \$US

For more information on the above figures or data covered in the report, please contact:
Ezechiel Abatan, report author: ezechiel.abatan@sportcal.com
Catherine Davies, head of research: catherine.davies@sportcal.com

SPORTS MARKET INSIGHT: 2010 FIFA WORLD CUP IN SOUTH AFRICA

To purchase this special report contact sales@sportcal.com

T +44 (0)20 8944 8786 | F +44 (0)20 8944 8740 | SALES@SPORTCAL.COM | WWW.SPORTCAL.COM | MAY 2010